CONVERGÊNCIA

Novembro 2004 • Ano XXXIX • Nº 377 ISSN 0010-8162

- As CEBs estão vivas e atuantes. E a Vida Religiosa?
- Provocação dos místicos modernos à vida religiosa hoje
  Uma tentativa de encontrar na mística de olhos abertos de Madeleine Delbrêl, sementes para revitalizar a atenção e o desejo
- "Na Casa do Senhor não existe satanás!"
  É diabólico ou profético o sonho de um novo concílio ecumênico?
- Ética na administração de situações conflitivas

Sumário

EDITORIAL 513

PALAVRA DO PAPA 517

INFORME CRB 520

ARTIGOS 524

As CEBs estão vivas e atuantes. E a Vida Religiosa? 524
GILVANDER MOREIRA

Provocação dos místicos modernos à vida religiosa hoje
Uma tentativa de encontrar na mística de olhos abertos de Madeleine Delbrêl, sementes para revitalizar a atenção e o desejo 539
MARTIN KÖNIGSTEIN SS.CC.

"Na Casa do Senhor não existe satanás!" É diabólico ou profético o sonho de um novo concílio ecumênico? 549
CARLOS C. SANTOS

Ética na administração de situações conflitivas 564
VICENTE DE MELO, CSsR – JOAQUIM PARRON M., CSsR – IR. IVANA MIGUELI, PALOTINA

A ilustração da capa da Convergência 2004 apresenta a logomarca do Jubileu da CRB. É um projeto gráfico da artista gráfica Patrícia Oliveira da Rocha (Belo Horizonte - MG) e Luiz Henrique Sales (Rio de Janeiro - RJ). A capa evoca a presença e missão da Vida Religiosa do Brasil no mundo atual, como Testemunho, Profecia, Esperança.

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:
Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:
Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

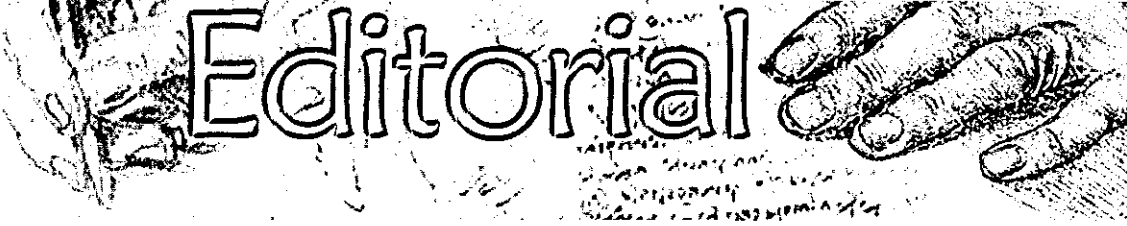
DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:
LetraCapital Editora
Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-3781
Fax (21) 2224-7071
E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura Anual para 2004 | Brasil: R$ 85,00
Exterior: US$ 80.00 *ou o correspondente em R$ (Reais)*
Números avulsos: R$ 8,50 ou US$ 8.00



Paixão por Cristo – paixão pela humanidade

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

O próximo Congresso Internacional da Vida Consagrada (novembro 2004) tem como *tema "Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade"*. O Documento de Trabalho, que deverá ser objeto de estudo e de debates durante o Congresso, ao comentar o tema, lembra que "a paixão de Cristo pela humanidade, manifestada em toda a sua vida e de modo singular na Cruz, não é algo do passado. Prolonga-se ao longo de toda a história; e nessa história encontramos sinais claros da sua fecundidade. Hoje, no começo do século XXI, Cristo comparte as cruzes de milhões de pessoas nas diversas partes do mundo, e nos dirige de novo seu exigente e estimulante chamado a segui-lo apaixonadamente e a compartir – movidos por sua compaixão- sua paixão pelo ser humano".

A estrutura do Documento de Trabalho é simples e baseia-se na metodologia do *ver-julgar-agir*. Parte, por tanto, de uma visão da realidade do mundo atual, destacando nessa realidade alguns fenômenos mais marcantes que desafiam a Vida Consagrada, tais como: a globalização com suas ambigüidades e seus mitos; a mobilidade humana com seus fenômenos migratórios e seus processos acelerados; o sistema econômico neoliberal injusto e desestabilizante; a cultura da morte e a luta pela vida, com todos os desafios da biotecnologia e da eugenética; o pluralismo e a crescente diferenciação; as características da mentalidade pós-moderna; a sede de amor e a *desordem* amorosa e afetiva; a fome do sagrado e o materialismo secularizado. Esses fenômenos atingem de maneira diferenciada as várias regiões do nosso Planeta. Nos países do Terceiro Mundo, alguns deles assumem proporções preocupantes e mesmo assustadoras. Pedem respostas urgentes e impostergáveis. São um teste para a veracidade do testemunho de todos aqueles e aquelas que se dizem seguidores de Jesus. Aprofundar esses desafios e apontar caminhos de superação será uma tarefa importante do Congresso.

De acordo com o *Documento de Trabalho* do Congresso, os participantes pretendem encontrar inspiração para seu discernimento e propostas num duplo ícone

evangélico: a Samaritana e o Samaritano. Ambos ícones não foram tradicionalmente aplicados à Vida Consagrada mas podem trazer-lhe a inspiração que ela necessita neste momento.

"Em seu caminho, uma mulher samaritana encontrou a Jesus. Sentiu em seu coração a atração pela sua pessoa, pelo seu mistério e mensagem. Por Ele abandonou seu cântaro, isto é, sua antiga vida e se converteu em testemunha e semeadora do Evangelho (Jo 4,5-42). Em seu caminho, um homem Samaritano encontrou a outro ser humano, meio morto, vítima da violência. Sentiu seu coração movido a compaixão; por ele, afastou-se do seu caminho, fez-se próximo e o atendeu com detalhe e generosidade (Lc 10,29-37). Samaritana e Samaritano são ícones do caminho pelo qual o Espírito conduz hoje – no começo do século XXI- a Vida Consagrada, e do amor e compaixão que suscita em seu coração. Este duplo ícone mostrou, ao longo da história da espiritualidade, um forte poder de inspiração, e ainda hoje derrama sua energia transformadora sobre a Vida Consagrada. A samaritana e o samaritano pertencem à categoria de pecadores, mas neles a graça e a disponibilidade para o bem não falta. Os consagrados nos colocamos ao lado deles, e nos sentimos interpelados por sua sede e desejos de água viva e por sua compaixão para com os feridos do caminho".

Ambas as imagens convidam a Vida Consagrada a ir ao encontro dos mais pobres e necessitados, a dialogar sem preconceitos, a servir na gratuidade e sem privilégios, a desfazer-se de estruturas rígidas e anacrônicas, de posturas acomodadas e egoístas que impedem o encontro solidário com os crucificados da terra, a denúncia profética de toda forma de violência e de exclusão e o surgimento de formas alternativas de convivência humana, para que outra globalização seja possível.

Os artigos publicados por Convergência neste mês de novembro são uma rica matéria de reflexão que, em sintonia com os grandes eixos do Congresso Internacional, poderão certamente ajudar as comunidades na sua busca de revitalização do seu compromisso de seguir Jesus e levar adiante a sua missão, num mundo cada vez mais globalizado e pouco solidário.

O artigo de Gilvander Moreira – "As CEBs estão vivas e atuantes. E a Vida Religiosa?" – é um texto questionador para as comunidades religiosas. O autor começa o texto narrando a sua experiência no quarto Encontro Mineiro das CEBs, acontecido em junho de 2003 e que, na sua apreciação, foi "um grande mutirão de gratuidade, de solidariedade e de luta por justiça e paz". A partir daí, desenvolve questões de particular interesse para as Comunidades eclesiais hoje, tais como: – a sintonia das CEBs com a dor das massas excluídas; – a vitalidade que as CEBs continuam demonstrando nas várias regiões do Brasil; a importância de manter sempre acesa a chama da memória; a força renovadora da espiritualidade nas CEBs; a crescente busca da experiência do sagrado que marca a sociedade de hoje. Na parte final do artigo, o autor aborda a questão da presença e atuação da Vida Religiosa nas CEBs. Observa que "muitos dos novos padres são oriundos do Movimento Carismático ou de Movimentos de cunho mais conservador. Há uma avalanche de espiritualismos que tentam induzir a juventude a expressões religiosas menos en-

carnadas na vida". Para o autor existe hoje um silencioso mas eloqüente clamor das CEBs dirigido à Vida Religiosa: "Continuem conosco! Vocês são imprescindíveis à nossa batalha pela transformação do mundo e da Igreja".

"Provocação dos místicos (modernos) à Vida Religiosa hoje" – de Martin Königstein, SsCc – é um artigo interessante e de particular atualidade. A figura da grande mística "moderna", Madeleine Delbrêl é apresentada de maneira questionadora, através dos traços mais marcantes da sua personalidade e da sua peculiar experiência de fé. Utilizando-se de textos da própria Madeleine, o autor refere-se aos anos da sua juventude, vivida em ambiente agnóstico, a experiência da conversão, ou o "ser encontrada por Deus", a seriedade do seu compromisso com a realidade, na sua função de Assistente Social na Prefeitura de Ivry (periferia de Paris) administrada, então, pelo partido comunista. Lembra ainda que, ao longo da sua existência, Madeleine se viu confrontada com uma dupla ausência de Deus: – no ambiente burguês-eclesiástico, pelo comodismo, e no ambiente marxista, pelo ateísmo militante. Tal confrontação foi para ela uma experiência espiritual marcante. "Trata-se, diz ela, de se deixar evangelizar de novo, trata-se de redescobrir o que é essencial na fé cristã". O testemunho dessa mística dos tempos modernos, que vive seu compromisso cristão no meio de um mundo atravessado pela crise da "ausência de Deus" constitui, certamente, uma pro-vocação à Vida Religiosa na sua dimensão mais nuclear: a de testemunha do absoluto de Deus nas vicissitudes da história.

Em 2005, completam-se quarenta anos da celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II. Esse fato tem trazido a tona não só a memória do Concílio, senão interessantes debates sobre esse grande evento eclesial do século XX e seus desdobramentos. O artigo de Carlos C. Santos – "Na casa do Senhor não existe satanás. É diabólico ou profético o sonho de um novo concílio ecumênico?" tem a intenção de somar-se às reflexões que se estão fazendo por ocasião dessa data significativa na história recente da Igreja católica. O autor propõe no seu texto que se celebre e se avalie a caminhada deslanchada pelo concílio, citando a Constituição pastoral Gaudium et Spes, no seu número quatro, que diz: "a igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho..." Focaliza algumas das grandes mudanças provocadas pelo concílio, opinando que elas significaram um salto de qualidade na caminhada do Povo de Deus. Insiste na questão da reformulação dos conceitos, centrando sua reflexão no sempre atual e difícil binômio autoridade/autoritarismo. Conclui lançando a pergunta chave dos momentos de encruzilhadas históricas: "Para onde o Espírito nos quer conduzir?" e apontando algumas pistas importantes para a *conversão* da Igreja hoje. A leitura do texto pode ajudar as comunidades religiosas a se ambientarem para a comemoração dos quarenta anos do concílio.

"Ética na administração de situações conflitivas" é um texto oportuno e iluminador, escrito a três mãos. A autora e os autores – Ivana Migueli, Vicente de Melo e Joaquim Parron – se propõem abordar essa instigante temática numa

perspectiva interdisciplinar, que possibilite uma melhor e mais adequada compreensão do assunto. Tratam com pertinência questões de particular interesse, tais como: a mudança de paradigma na administração; as exigências afetivas na Vida Religiosa; como administrar em meio a conflitos. Destacam alguns conflitos que hoje parecem ganhar mais relevo na Vida Religiosa, como os de personalidade, os sexuais e os econômicos. Apontam também algumas propostas de encaminhamento para responder aos desafios que o momento atual coloca para a Vida Religiosa. Segundo o pensamento dos autores, "as tensões, contradições e desafios não podem ser sufocados ou escondidos, mas devem ser enfrentados à luz do dia – a verdade vos libertará, diz o Senhor –".

"A igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho..."

Homilia do Papa João Paulo II durante a Concelebração Eucarística para a proclamação de três novos beatos

1. *"Pois que homem poderia conhecer a vontade de Deus?"* (Sb 9,13). A pergunta, feita pelo Livro da Sabedoria, tem uma resposta: só o Filho de Deus, feito homem para a nossa salvação no seio virginal de Maria, nos pode revelar o desígnio de Deus. Só Jesus Cristo sabe qual é o caminho para "alcançar a sabedoria do coração" (Salmo resp.) e obter paz e salvação.

Qual é o caminho? Ele mesmo no-lo indicou no Evangelho de hoje: *é o caminho da cruz.* As suas palavras são claras: *"Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo"* (Lc 14,27).

"Carregar a cruz seguindo Cristo" significa estar dispostos a fazer qualquer sacrifício por amor a Ele. Significa não pôr nada nem ninguém antes d'Ele, nem mesmo as pessoas mais queridas, nem sequer a própria vida.

2. Caríssimos Irmãos e Irmãs, estamos reunidos neste "maravilhoso vale de Montorso", como lhe chamou o Arcebispo D. Comastri, a quem agradeço de coração as afáveis palavras que me dirigiu. Com ele, saúdo os Cardeais, os Arcebispos e os Bispos presentes; saúdo os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, as pessoas consagradas; e sobretudo saúdo-vos a vós, jovens, que pertenceis à Acção Católica que, guiados pelo Assistente-Geral, Mons. Francesco Lambiasi e pela Presidente nacional, Dr.ª Paola Bignardi, a quem agradeço a calorosa saudação, quisestes reunir-vos aqui, sob o olhar de Nossa Senhora de Loreto, para renovar o vosso compromisso de fiel adesão a Jesus Cristo.

Vós sabeis que aderir a Cristo é uma opção exigente. Jesus não fala por acaso de "cruz". Contudo, Ele esclarece imediatamente: "após mim". É esta a grande palavra: não carregamos sozinhos a cruz. Diante de nós caminha Ele, abrindo-nos a estrada com a luz do seu exemplo e com a força do seu amor.

3. A cruz aceita por amor gera liberdade. Fez esta experiência o apóstolo Paulo, "idoso e agora também prisioneiro por Jesus Cristo", como ele mesmo se define na carta a Filémon, mas com o coração ple-

namente livre. É precisamente esta a impressão que temos da página que agora foi proclamada: Paulo está preso, mas o seu coração é livre, porque nele habita o amor de Cristo. Por isso, da escuridão da prisão em que sofre pelo seu Senhor, ele pode falar de liberdade a um amigo que está fora da prisão. Filémon é um cristão de Colossos: Paulo dirige-se a ele pedindo-lhe que liberte Onésimo, ainda escravo segundo o direito da época, mas que já se tornou irmão pelo batismo. Renunciando ao outro como sua posse, Filémon terá o dom de um irmão.

A lição que brota de toda esta vicissitude é clara: não há maior amor do que o da cruz; não há liberdade mais verdadeira do que a do amor; não há fraternidade mais plena do que a que nasce da cruz de Jesus.

4. Foram humildes discípulos e testemunhas heróicas da cruz de Jesus os três Beatos, agora proclamados.

Pedro Tarrés i Claret, primeiro médico e depois sacerdote, dedicou-se ao apostolado laical entre os jovens da Ação Católica de Barcelona, da qual, depois, foi conselheiro. No desempenho da profissão médica entregou-se com especial solicitude aos enfermos mais pobres, convencido de que "o enfermo é símbolo de Cristo sofredor".

Tendo recebido a Ordenação sacerdotal, consagrou-se com generosa intrepidez às tarefas do ministério, permanecendo fiel ao compromisso assumido nas vésperas da Ordenação: "Um só propósito, Senhor: sacerdote santo, custe o que custar". Aceitou com fé e paciência heróica uma grave enfermidade, que o levou à morte com apenas 45 anos. Apesar do sofrimento, repetia com freqüência: "Como o Senhor é bom comigo! Eu sou verdadeiramente feliz".

5. **Alberto Marvelli**, jovem forte e livre, generoso filho da Igreja de Rímini e da Ação Católica, concebeu toda a sua breve vida, que durou apenas 28 anos, como um dom do amor a Jesus pelo bem dos irmãos. "Jesus envolveu-me com a sua graça", escreveu no seu diário; "Mais não vejo do que Ele, penso unicamente n'Ele". Alberto fez da Eucaristia quotidiana o centro da sua vida. Na oração ele procurava inspiração também para o seu compromisso político, convicto da necessidade de viver plenamente como filhos de Deus na história, para fazer dela uma história de salvação.

No difícil período da segunda guerra mundial, que semeava morte e multiplicava violências e sofrimentos atrozes, o beato Alberto alimentava uma intensa vida espiritual, da qual brotava aquele amor a Jesus que o fazia esquecer-se constantemente de si próprio para carregar a cruz dos pobres.

6. Também a beata **Pina Suriano** nativa de Partinico, na Diocese de Monreale, amou Jesus com um amor tão fervoroso e fiel, que pôde escrever com sinceridade: "Mais não faço do que viver de Jesus". Ela falava a Jesus com um coração de esposa: "Jesus, faz-me cada vez mais tua. Jesus, desejo viver e morrer contigo e por ti".

Aderiu desde jovem à Juventude Feminina da Ação Católica, da qual depois foi dirigente paroquial, encontrando na Associação importantes estímulos de crescimento humano e cultural, num clima intenso de amizade fraterna. Maturou gradualmente uma simples e firme vontade de entregar a Deus como oferenda de amor

a sua jovem vida, em particular para a santificação e perseverança dos sacerdotes.

7. Amados Irmãos e Irmãs, amigos da Ação Católica, que viestes a Loreto da Itália, da Espanha e de muitas outras partes do mundo! Hoje o Senhor, através do acontecimento da beatificação destes três Servos de Deus, diz-vos: o dom maior que podeis oferecer à Igreja e ao mundo é a santidade.

Tende a preocupação daquilo por que a Igreja mais se preocupa: que muitos homens e mulheres do nosso tempo sejam conquistados pelo fascínio de Cristo; que o seu Evangelho volte a brilhar como luz de esperança para os pobres, os doentes, os famintos de justiça; que as comunidades cristãs sejam cada vez mais vivas, abertas, atraentes; que as nossas cidades sejam hospitaleiras e vivíveis para todos; que a humanidade possa seguir os caminhos da paz e da fraternidade.

8. Compete a vós, leigos, testemunhar a fé mediante as virtudes que vos são específicas: a fidelidade e a ternura em família, a competência no trabalho, a tenacidade no serviço do bem comum, a solidariedade nas relações sociais, a criatividade no empreendimento de obras úteis para a evangelização e a promoção humana. A vós compete também demonstrar em estreita comunhão com os Pastores que o Evangelho é atual, e que a fé não subtrai o crente à história, mas o imerge mais profundamente nela.

Coragem, Ação Católica! O Senhor guie o teu caminho de renovação!

A Imaculada Virgem de Loreto te acompanha com solicitude terna; a Igreja olha para ti com confiança; o Papa saúda-te, apóia-te e abençoa-te de coração.

Obrigado, Ação Católica Italiana!

Loreto, 5 de setembro de 2004

Joannes Paulus PP. II

"...não há maior amor do que o da cruz; não há liberdade mais verdadeira do que a do amor; não há fraternidade mais plena do que a que nasce da cruz de Jesus."

1. Congresso Internacional da Vida Consagrada

Acontece em Roma, de 23 a 27 de novembro deste ano de 2004, o Congresso Internacional da Vida Consagrada, convocado e preparado pela União dos Superiores Gerais (USG) e pela União das Superioras Gerais (UISG), para marcar os dez anos da celebração do Primeiro Congresso Internacional de Vida Consagrada e da celebração do Sínodo dos Bispos que se ocupou da Vida Consagrada.

Com o tema "PAIXÃO POR CRISTO, PAIXÃO PELA HUMANIDADE", o Congresso pretende ser um momento de reflexão e de busca que permita vislumbrar e traçar os principais elementos do caminho a ser percorrido no início do terceiro milênio.

Será momento adequado para integrar as propostas que se encontram em importantes Documentos e pronunciamentos do Magistério da Igreja, relativos à Vida Consagrada e aos desafios do novo milênio. Será momento adequado para trabalhar juntos religiosas e religiosos, representantes do nível internacional e do nível nacional (Presidentes das Conferências Nacionais e/ou Continentais), bem como grupos intercongregacionais internacionais e intercontinentais. Será o momento adequado para responder aos novos desafios que este começo de milênio coloca para a Vida Consagrada: a interculturalidade, a urgência de estar perto dos jovens, a globalização que pede atitudes claras e criativas.

O objetivo central deste Congresso, como expresso no Boletim do Congresso emitido pelo Secretariado Geral, "é discernir juntos, com consciência global, aquilo que o Espírito de Deus está fazendo surgir entre nós, para onde nos está conduzindo, e como responder – desde aí – aos desafios do nosso tempo, e assim construir o Reino de Deus para o bem comum".

Este objetivo se desdobra nos seguintes objetivos parciais: descobrir e discernir a validade do novo que está nascendo entre nós; acolher e promover essa novidade como Dom de Deus e compromisso; fortalecer a espiritualidade e missão partilhadas com o Povo de Deus e a comunhão e solidariedade entre a Vida consagrada feminina e masculina; comprometer-nos a partilhar a paixão por Cristo e pela humanidade

em novos contextos; ser a voz da Vida Consagrada para a Vida Consagrada.

O Congresso reunirá representantes da Vida Consagrada mundial, o que permitirá refletir numa perspectiva intercultural, com a sensibilidade inclusiva de homens e de mulheres, com a experiência que se adquire nos diversos serviços da Vida Consagrada tais como os de Superioras e Superiores Gerais, Presidentes das Conferências Nacionais e/ou Continentais, teólogos e teólogas, Diretores e Diretoras dos Centros de reflexão teológica, Editores de Revistas sobre a Vida Consagrada. Os religiosos e religiosas jovens presentes contribuirão com seu entusiasmo fiel e sua maior sintonia com os valores do momento cultural atual.

A CRB estará presente na pessoa da sua Presidente, Ir. Maris Bolzán, dos teólogos Edenio Vale e Márcio Fabri, e da responsável pela Revista Convergência, Maria Carmelita de Freitas. Participarão também do Congresso outros teólogos e teólogas brasileiros.

Todos o religiosos e religiosas do Brasil estão convidados a acompanhar o desenvolvimento do Congresso pelo site WWW.vidimusdominum.org. Estão convidados, sobretudo, a pedir as luzes do Espírito Santo neste momento importante da Vida Consagrada e a rezar pessoal e comunitariamente a oração do Congresso.

ORAÇÃO

Nós te bendizemos, Pai, Senhor do céu e da terra, porque nos chamaste à Vida Consagrada, desde onde sai o sol até o seu ocaso.

Nosso louvor chega a ti por teu Filho amado, Jesus Cristo Nosso Senhor.

Que Ele nos ensine a ser presença viva do seu modo de existir e de agir, para que o amor se faça profecia e ternura geradoras de vida nova.

Graça, Senhor, porque o Espírito Santo semeou e faz crescer cada dia em nós a paixão por Cristo e a paixão pela humanidade.

Senhor e Deus nosso, dá-nos a graça de trabalhar intensamente pela justiça e pela paz, em união com os homens e mulheres desta terra.

Como Maria transforma-nos em testemunhas de um mundo novo e por sua intercessão concede-nos a religiosos e religiosas reunidos em Congresso audácia e lucidez.

Te pedimos Por Cristo Nosso Senhor,

Amém!

2. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)

Prezados irmãos e prezadas irmãs:

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Igreja Católica Apostólica Romana

Esse ano será celebrado o Quinto Aniversário da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação (DCDJ), assinada em 31 de outubro de 1999, em Augsburgo, na Alemanha, entre a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica Romana.

O dia da assinatura da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação será lembrado como o dia no qual nós, luteranos e católicos, fomos capazes de declarar oficialmente que existe um consenso sobre as verdades fundamentais relacionadas à doutrina da justificação. E não se tratou tão somente de uma declaração, e sim de um evento que suscitou grande alegria e celebração, porque – se ainda não alcançamos a meta final – pudemos dar, com a ajuda de Deus, um importante passo em direção à unidade plena e visível.

A assinatura da Declaração Conjunta representa efetivamente um testemunho comum da essência do Evangelho. Tal gesto é de suma importância no nosso mundo atual, com a crescente secularização e a crise do sentido de vida, na cultura pós-moderna. Em um mundo afligido por tantos conflitos, os cristãos devem poder dar um testemunho comum de paz e reconciliação, elementos fundamentais da mensagem cristã.

Teólogos de ambos lados destacavam, desde há muito tempo, que havia um consenso fundamental entre luteranos e católicos com respeito à doutrina bíblica sobre a justificação e a graça. Esse consenso está expresso no parágrafo 15 da Declaração Conjunta: "Confessamos juntos: somente por graça, na fé na obra salvífica de Cristo, e não por causa de nosso mérito, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo, que nos renova os corações e nos capacita e chama para boas obras". Tal consenso também nos permitiu declarar que as mútuas condenações do século XVI com respeito à justificação não se aplicam à compreensão luterana e católica. Assim, nossa comunhão adquiriu maior profundidade e realidade, mesmo que ainda esteja longe de ser completa.

A Comissão Bilateral Católico-Luterana, em âmbito nacional, entende a importância de se lembrar o Quinto Aniversário da Assinatura da Declaração Conjunta e, por isso, recomenda que padres e pastores/as dêem o devido destaque em suas comunidades, nos cultos e missas de *31 de outubro* (que neste ano cai num domingo), acerca do significado da Declaração Conjunta. Adicionalmente, recomenda-se que, sempre que possível, católicos e luteranos, em âmbito local ou diocesano/sinodal, promovam alguma iniciativa pública alusiva à data. Em âmbito nacional estamos propon-

do uma celebração conjunta, em conexão com a próxima Assembléia do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC.

Esse ano acontecerá ainda o Seminário Bilateral, que será realizado nos dias 08 e 09 de novembro, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O tema do Seminário será *Sucessão e Tradição Apostólica*, e reunirá a Comissão Bilateral e dez representantes por Igreja. Os resultados do Seminário serão amplamente divulgados nas respectivas Igrejas.

Por fim, renova-se a recomendação de que a Declaração Conjunta seja lida e refletida em conjunto, seja nos centros de formação teológica, seja nas pastorais e grupos ecumênicos, em âmbito local, regional e nacional.

Rogamos que a graça e o amor de Deus se manifeste também em nossas relações bilaterais aqui no Brasil, fortalecendo os espaços de diálogo, de reflexão e de cooperação mútuos.

Fraternalmente, em Cristo.

26 de setembro de 2004.

Cardeal Geraldo Majella Agnelo
Arcebispo de São Salvador da Bahia,
Presidente da CNBB

Dr. Walter Altmann
Pastor Presidente da IECLB

"O dia da assinatura da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação será lembrado como o dia no qual nós, luteranos e católicos, fomos capazes de declarar oficialmente que existe um consenso sobre as verdades fundamentais relacionadas à doutrina da justificação."

As CEBs estão vivas e atuantes. E a Vida Religiosa?

GILVANDER MOREIRA

I – Vi e nunca mais deixei de ver!

Visitaremos a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – de olho na relação destas com a Vida Religiosa (VR). Durante a leitura do texto aconselhamos manter viva a pergunta: A Vida Religiosa – através de freiras e freis, irmãos e irmãs – continua viva e atuante no meio das CEBs? Em que medida? Há ofuscamento na presença solidária das/os religiosas/os junto aos pobres que caminham rumo a libertações integrais? Nosso foco será tentar revelar em que pé está a caminhada das CEBs hoje no Brasil. Faremos isso segurando, como pano de fundo, uma interpelação que brota das entranhas das CEBs à VR. Veremos que há um silencioso, mas eloqüente clamor das CEBs à Vida Religiosa que grita: "Continuem conosco! Vocês são imprescindíveis à nossa batalha pela transfiguração do mundo e da Igreja."

Contemplar não é apenas olhar, observar; é ver o lado de dentro da realidade, é tocar o essencial, invisível aos olhos; é perceber a aura do divino que envolve as relações, tudo e todos.

Contemple a ***beleza*** *de um pavão e a do arco-íris!*

Contemple a ***força*** *de um touro e a de um sertanejo!*

Contemple a ***coragem*** *de um leão e a dos sem-terra!*

Contemple a ***ternura*** *de uma criança e a de uma flor!*

Contemple a ***esperança*** *de um mandacaru e a do povo simples!*

Contemple a ***solidariedade*** *das formigas ao desfolhar uma laranjeira!*

Contemple a ***perseverança*** *de um joão-de-barro que constrói a casa de "grão em grão"!*

Saboreie a ***delícia*** *de um doce de leite!*

Deleite-se com um abraço cheio de ***fraternura****!*

*Deixe seus olhos admirar as **coisas mais belas** e genuínas!*

*Feche os olhos para ver o que realmente é **essencial**: o divino que envolve tudo, o invisível!*

Tudo isso e muito mais, conjuntamente, experimentamos no 4º Encontro Mineiro de CEBs – Comunidades Eclesiais de Base –, em Ipatinga/MG, no Vale do Aço, de 10 a 13 de junho de 2004. Estiveram presentes cerca de 1000 representantes das CEBs dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, representantes de outros regionais e até visitantes internacionais. Cerca de 650 voluntárias/os, nas diversas áreas de serviço, revelaram que ofertar é doar-se, fazer-se presente na gratuidade.

Uma cozinheira voluntária, enquanto lavava pratos, irradiando felicidade, dizia comovida: "Eis um pedaço do céu no Vale do Aço. Parece que o Reino de Deus já chegou. Frei, não é um pedaço do Reino ver todos comendo, sentados, uns no chão, outros sobre a mureta e outros sentados na grama, outros de pé, bispos no meio do povo pobre, teólogos junto com camponeses de mãos calejadas, agentes de pastoral junto com dezenas de indígenas, negros afirmando sua cultura e lutando contra o racismo, povo da rua, todos ressuscitados dando testemunho que deixa marcas inesquecíveis; deficientes físicos sendo acolhidos e mostrando que são portadores de direitos e necessidades especiais. Essa fraternidade é o Reino de Deus em nosso meio, com união, respeito pela diversidade e com luta para que a biodiversidade seja também respeitada. Todos juntos – uma só alma e um só coração – só pode ser o Reino de Deus aqui e agora. Que beleza!"

Contemplando o rosto transfigurado daquela senhora, ouvindo tudo com reverência, lá dentro de mim alguém gritava: "Eis o que significam as CEBs hoje, um novo modo de ser Igreja." Quando a cozinheira quis dizer que eu, por ser assessor, era muito importante para tudo o que ela estava experimentando, eu lhe assegurei: "Na caminhada das CEBs, e em um encontro como este, a senhora é tão importante como um/a assessor/a, como um/a agente de pastoral. Sem a contribuição sua e de todos que fazem esta caminhada, este encontro não teria o brilho que tem. Cada um/a faz sua parte em um grande mutirão de gratuidade, de solidariedade e de luta por justiça e paz. Olha a glória de Deus brilhando!"

Aqui percebemos a importância do espaço como reflexão acerca da necessidade e da importância nas divisões de tarefas e organização do grupo por meio dos seus diversos atores para o bom êxito das relações travadas em sociedade. Importa perceber que a igualdade pode ser pensada a partir de mesas, cadeiras e em lugares diferentes. O discernimento é que vai nos apontar se estamos nos referindo a uma cidadania elementar como extraordinário ou se se trata de um amadurecimento relacional que liberta o espiritual do material permitindo que qualquer lugar seja este lugar cristão com consciência de sua cidadania plena. Ou seja, não basta a construção de um oásis de fraternidade; é preciso que todos os espaços e relações sejam transfigurados

como espaços de construção de cidadania plena, de fraternidade real e concreta, nos vários aspectos da vida.

No 4º Encontro Mineiro de CEBs, tivemos a alegria de reencontrar amigos e amigas co(i)nspiradoras/res militantes do Reino de Deus, rostos sorridentes, alto astral, olhos que brilhavam irradiando luz e esperança. O companheirismo era visível em todas/os; sentíamonos todos uma só família. A acolhida calorosa das famílias de Ipatinga, Timóteo e Cel. Fabriciano se tornou inesquecível. Experimentamos que as CEBs são um jeito bom de todos se sentirem gente e um ventre de gestação de transformações sociais, desejadas pelos pobres que caminham com fé no Deus da vida, com fé no outro, primordialmente o menor, com fé em si mesmo, "carregando o dom de ser capaz, de ser feliz".

Que beleza ver padres, pastores, caciques, católicos, evangélicos, assessores/ras, representantes das CEBs, todas/os unidas/os em harmonia, na diversidade. A riqueza da experiência comunitária, conquanto encontro, flui bem nos espaços construídos para estes fins, alimenta a esperança de todos nós. Mas o nosso desafio é descobrir e ensaiar como trazer para o cotidiano de nossas práticas este despojamento que revelamos capazes de exercitar, onde os problemas nos aguardam, na distância dos locais dos calorosos encontros. Aproveitamos experiências como estas e com este espírito para cooperarmos assim naturalmente nos serviços que prestamos em nossas comunidades? Urge buscarmos coerência de vida em comunidade com o espírito vivenciado nos encontros sem desconectarmos a realidade e suas complexidades diárias.

II – As CEBs se comovem com a dor das massas excluídas

Pela ótica dos pobres que caminham, vamos avaliar as Comunidades Eclesiais de Base. Sem muito alarde, as CEBs estão remando na contra-mão da "Grande Disciplina" da Igreja Instituição. Muitas vezes, sob as investidas espiritualizantes dos movimentos pentecostais e neopentecostais, que tentam asfixiá-las, as CEBs caminham cada vez mais sem o apoio da maioria dos padres e bispos, animadas por um espírito profético, missionário e ecumênico. As CEBs se comovem com a dor das massas excluídas e agem, de forma organizada, a partir da indignação ética frente às estruturas opressoras que aumentam dia-a-dia o fosso entre o mundo dos incluídos e o dos excluídos. Com mãos à obra, trançam uma grande rede de lutas populares que co(i)nspiram a transfiguração do Brasil e do mundo. As CEBs lutam pela inclusão de todos, respeitando as diferenças que não oprimem. Elas reúnem as pessoas simples para viver a Vida de forma mais comunitária. Buscam luzes e forças na Bíblia, lida de forma não fundamentalista, mas de maneira crítica e criativa. Assim, explicitam a presença amorosa e companheira de Deus na luta por libertação integral.

Enfim, a vida nas CEBs se estende desde o movimento popular de desobediência civil, promovido pelas parteiras no Egito sob o império dos faraós, passando pelos juízes e juízas – líderes carismáticos libertadores do povo – encon-

trando guarida nos profetas e profetisas que discerniam os sussurros do Deus verdadeiro a partir das entranhas dos acontecimentos humanos. O movimento de Jesus de Nazaré, antes e depois da ressurreição, cultiva a vida em comunidades a partir das casas, com o protagonismo de mulheres e missionários, todos ecumênicos, inculturados e abertos aos que clamam por inclusão.

As CEBs consolam os aflitos e afligem os consolados. Misturam cotidianamente fé e política, sagrado e profano, pessoal e social, céu e terra. Sem dualismos, buscam cultivar a unidade que há de reinar na imensa vastidão dos infinitos pontos que entrelaçam a vida. Em sua caminhada, não apenas da Igreja Católica, mas de outras igrejas também, as CEBs estão presentes, vivas e atuantes, estimadas em cerca de 100.000 comunidades por todos os cantos e recantos de nossos vários Brasis.

As CEBs constituem-se ambientes de relações propícias, em que os negros, historicamente escravizados e oprimidos, resgatam sua consciência de herdeiros da liberdade, reforçam sua auto-estima e dignidade, cultivam suas raízes culturais e podem se sentir povo amado por Deus, Pai materno e mãe paterna. Da mesma forma acontece com os indígenas, mulheres, sem terra, deficientes, favelados, amasiados, divorciados, recasados etc. Todos os excluídos são considerados "convidados de honra" à mesa da partilha na comunidade cristã de base.

III – As CEBs estão vivas e atuantes em todo o Brasil

O 4º Encontro Mineiro das CEBs, carinhosamente chamado de Onzinho, configurou-se como um encontro/preparação para o XI Intereclesial de CEB's, que acontecerá na Diocese de Itabira-Cel. Fabriciano/MG, de 19 a 23 de julho de 2005.

"Aqui só tem irmandade". "Como é bom viver em fraternidade assim". "Diversidade em que todos se respeitam e se complementam, se sentem como irmãos e irmãs." "Eu estava com dor de cabeça, mas foi só começar o encontro, eu sarei. As CEBs expulsam os espíritos maus que de vez em quando nos atacam." Faíscas, como essas, testemunhamos ao longo dos três dias do Onzinho. Para as CEBs, Jesus Cristo é uma presença viva, companheira e, ressuscitado, caminha no meio dos pobres que marcham, de mãos dadas, sonhando juntos, um sonho bom de justiça, amor e paz.

O que continua sendo mais forte no espírito das CEBs? O que as mantêm obstinadamente na luta, às vezes, se vergando como bambu, mas jamais se quebrando? A força maior das CEBs está na convicção de que, com a ressurreição de Jesus, as utopias jamais morrerão, os sonhos de libertação jamais serão pesadelos, a luta dos pequenos será sempre vigorosa (ainda que custe muito suor) e forças da Vida terão a última palavra. Por mais cruéis que sejam, as tiranias passarão! Se olharmos, com benevolência, em volta, veremos, surpresos, que os sinais de Páscoa são capazes de superar os sinais de morte. Maria, a mãe de Jesus, vem nos convidando, como Água, a percorrer com este vigor nas entranhas da terra e jorrar com o cuidado à medida em que possa dar a cada um o que é seu ou a dose que irá

saciar-nos da nossa fome e sede de justiça. Revestidos desta sabedoria, talvez, possamos nos fazer verdadeiramente fortes para não permitir que o excesso de uns seja a falta de tantos.

Diante de tantas dificuldades cotidianas, na família, na política, na economia e em tantos outros momentos da vida, os participantes do Onzinho mantiveram, do primeiro ao último momento do encontro, uma alegria contagiante, um entusiasmo indescritível. Reflexão sobre o tema ***ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA, seguir Jesus no compromisso com os excluídos***, convivência e celebração foram regadas por muita música com ritmo e com a certeza de trazerem, todos, os mesmos desejos e sonhos no coração. O povo das CEBs acredita na possibilidade de uma vida em sociedade que não tenha como pressuposto único o mercado, o consumo, a alienação política, o poder eclesiástico, a apatia geral e a redução do cidadão a mero consumidor. As CEBs estão na luta pela construção de um Estado que não seja um comitê a serviço da burguesia, mas um Estado que realmente seja gestor de cidadania para todos e tudo, a partir dos últimos.

O tema da Campanha da Fraternidade de 2004 – **Água, fonte de vida** – continua firme na mente e no propósito dos membros das CEBs. A metodologia para os grupos de trabalho no Onzinho utilizou para os grupos de trabalho nomes de grandes rios de Minas Gerais, demarcando os espaços de reflexão e estudo. O espaço maior, o da **Espiritualidade Libertadora**, recebeu todos os participantes, conjuntamente, e ganhou o nome de "**Estação São Francisco**" de onde ecoaram muitos alertas proféticos, tais como: Não há como revitalizar o rio São Francisco, devolver a vida ao Velho Chico, sem eliminar todas as agressões contra ele, o que implica em não construir, na área da bacia – enquanto não se recuperam as condições ambientais e não se redefine o modelo de intervenção – nenhum grande projeto, seja de barragem, irrigação, monoculturas, mineração, pastagens ou transposição de águas, que implique em desmatamento, erosão de solos e poluição ou perda de águas. O rio São Francisco não é nenhum dedo mindinho, mas os rins que purificam o sangue para muita gente. Descuidá-lo faz adoecer grande parte do corpo que se chama Brasil. O rio São Francisco é essencial para toda a comunidade de vida não apenas da Bacia do São Francisco, mas para todo o Brasil. Querem roubar-nos o São Francisco! Acordemos, antes que seja tarde! A transposição do rio São Francisco poderá ser o tiro de misericórdia no já enfraquecido rio. Gritemos "não à transposição do rio São Francisco!"

Os outros plenários, denominados "**vagões**", com os nomes de: **Rio das Velhas**, cujo lema foi a luta *contra a mineração depredadora*; o **Rio Doce**, que disse *não às barragens*; o **Rio Pomba**, com a luta *contra o envenenamento dos rios* e, finalmente, o "vagão" **Rio Jequitinhonha** marcou a luta *contra as dragas* que também levam morte à biodiversidade e às águas em uma das regiões mais pobres do planeta, o Vale do Jequitinhonha.

Nos "vagões", tivemos a oportunidade de fazer o aprofundamento, a refle-

xão acerca da Espiritualidade das CEBs, e discernir, em meio a tantas outras espiritualidades espiritualistas, a verdadeira espiritualidade, capaz de criar a esperança e a paz, para que possamos continuar vivendo em comunidade. Neste aspecto, temos muito que aprender com os povos indígenas. Foram profundamente marcantes. Envolveram todos os participantes na mesma dança – a dança do sol -, em um só ritmo, em uma só certeza: a dos riscos compartilhados. Os riscos de continuarmos – humanidade – insistindo neste modelo econômico/social de pseudodesenvolvimento. O modelo que separa os seres humanos da natureza, como se nós não fizéssemos parte da mesma. Ao mesmo tempo, a força da união de todos os povos, capaz de superar toda diferença, bastante para unir toda a humanidade em uma só unidade. Partindo da bênção do fogo, da terra, do ar e da água, nossos parentes indígenas iniciaram uma celebração – mística – que, pouco-a-pouco, foi envolvendo a multidão ali reunida em um canto de louvor que irradiava irmandade, fazendo-nos sentir que, de fato, somos todos irmãos e com a mesma dignidade. No final um cacique resumiu: "*Nunca podemos esquecer que a força e a luz de Deus estão em nós. A nossa briga é reunir. Ninguém é superior a ninguém. Somos todos irmãos e irmãs.*"

A pastora Sônia, brilhante oradora da Igreja Metodista, indicou qual deve ser o farol a nos iluminar na caminhada de CEBs. Ao lembrar o fundador de sua Igreja, John Wesley, que reafirmava o já dito por Santo Agostinho: "**No essencial, a unidade; no não-essencial, a liberdade; em tudo, o amor**". Este princípio é uma interessante resposta à encruzilhada em que nos colocamos frente ao desafio de construir uma sociedade democrática, com cidadania e inclusão de todos. A falência da democracia representativa abre enormes desafios à participação cidadã. Deve haver em nossa sociedade um lugar reservado a cada ser. A corrida individualista burguesa não pode continuar deixando para trás um enorme contingente de pessoas que não têm acesso sequer ao essencial. Todavia, a participação e a decisão não podem, por outro lado, conduzir ao extremo da ditadura da maioria, mas há de ser preservado o espaço da liberdade de cada um. Por fim, a capacidade de distinguir, entre tantas possibilidades, o essencial do não essencial, só pode ser exercida quando fundada no amor ao próximo.

O amor verdadeiro pode ser encontrado no modo autenticamente cristão de levar a vida, como foi ensaiado nas primeiras comunidades cristãs. Nessas comunidades não prevaleciam interesses individualistas assentados na propriedade privada. A tentativa de coletivização dos bens marcou a vida dos primeiros cristãos, com uma economia em vista das necessidades das pessoas.

Um dos pontos altos do encontro foi o momento das oficinas. Vinte e dois temas foram tratados em grupos de, aproximadamente, 50 participantes. Vinte e duas tendas se tornaram areópagos de troca de saberes e da Espiritualidade libertadora, vivenciada em muitos cantos e recantos. A vida foi tocada de diferentes maneiras. Navegamos nas águas do saber, descobrindo os desafios da luta dos

nossos "parentes" indígenas; dos que fazem da arte seu meio de resistência; dos Sem Terra aguerridos na luta por uma Reforma Agrária autêntica, aliados aos pequenos produtores no fortalecimento da agricultura familiar, orgânica e ecológica, de mãos dadas com os Atingidos pelos mais de 100 projetos de Barragens (só em MG); dos portadores de direitos e necessidades especiais. Passamos pelo sofrimento e pela luta do povo da rua, dos encarcerados, das mulheres, pela vitalidade da Terceira Idade, pela Economia Popular Solidária e pelos grupos de Fé e Política. Muita energia para fortalecer a luta pelos Direitos Humanos, pela Comunicação Popular e pelo resgate dos direitos dos afro-descendentes. Sob a luz da Leitura Popular da Bíblia, a luta continua e segue adiante com a Juventude organizada, no sonho do ecumenismo e na perseverança de quem quer continuar a viver, mesmo tendo o corpo dependendo de substâncias químicas. A alegria daqueles que, mesmo tendo o corpo necessitando de cuidados especiais, fez explodir um canto de alegria e louvor no Circo da Esperança.

Enfim, saímos do encontro, de "tanque cheio", com esperanças renovadas, convictos do compromisso de cada um/a e de todos nós, os participantes. Marcou-nos muito a doação de tantas voluntárias e voluntários que não mediram esforços para viabilizar todos os trabalhos, a comida na hora certa e toda a infra-estrutura. Impossível esquecer a acolhida das famílias que abriram suas casas e corações, fraternalmente, para receber-nos. Valeu tudo! O nosso show vai continuar pela vida e já com data marcada para o próximo encontro! Ou, no encanto da voz de Elis Regina: *A esperança... dança... / Na corda bamba de sombrinha / Em cada passo desta linha / Pode se machucar / Azar... a esperança equilibrista / Sabe que o show de todo artista tem que continuar.*[1]

IV – Refrescar a memória sempre faz bem

As CEBs "nasceram" há dois mil anos atrás a partir de uma Boa Notícia para os empobrecidos e excluídos, trombeteada, em primeira mão por uma mulher que muito amava. ***"JESUS RESSUSCITOU!"***, anunciava por todas as partes Maria Madalena. Transfigurados pela utopia da ressurreição, os/as seguidores/as de Jesus se reuniram em pequenas comunidades a partir das CASAS, para testemunhar que somente relações de amor verdadeiro vencem o poder do mal e que os projetos de Vida são mais fortes que os de morte. De fato, a Ressurreição representa para todos os cristãos e cristãs uma nova esperança, após a execução de Jesus na cruz, sob pena capital. Reacende uma luz para o projeto de libertação do povo oprimido.

No Brasil, podemos dizer que as CEBs passaram por momentos de gestação, nascimento, crescimento e hoje já estão na maioridade. A gestação foi protagonizada por alguns movimentos como a ACO – Ação Católica Operária -, o MEB – Movimento de Educação de Base -, o Movimento do "Mundo Melhor", Movimento

[1] Música *O Bêbado e o Equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc.

Litúrgico e pelos Planos de Pastoral da CNBB, tudo isso no espírito do Concílio Vaticano II e da Opção pelos Pobres acolhida em Medellín e confirmada em Puebla. No final da década de 50 e início da década de 60 do século XX, as CEBs pipocaram por todo o Brasil no campo e nas periferias das cidades. Tanto a gestação quanto o nascimento das CEBs coincidem com o momento de intensa atividade política da sociedade civil mundial, após 2ª Grande Guerra, a divisão do mundo em dois blocos de influência – capitalista e comunista -, a pressão da força hegemônica desses dois blocos que culminou com o eclipse das utopias socialistas após a queda do muro de Berlin, em 1989, e com o esfacelamento da URSS, no Leste Europeu.

Somente em 1968, aconteceu o batismo das CEBs. Foi em Medellín, na Colômbia, na 2ª Conferência Episcopal da América Latina, quando os bispos referendaram a Opção pelos Pobres. Inicialmente chamadas de Comunidades Cristãs de Base, foram reconhecidas como o primeiro e fundamental núcleo eclesial, responsável em seu próprio nível pela riqueza e dinamização do projeto de Jesus de Nazaré. Foi essa a célula inicial de estruturação eclesial e foco ímpar de evangelização.

O pontificado de João XXIII, ao instalar o Concílio Vaticano II, acolheu os clamores que rondavam o mundo, reivindicando uma Igreja inculturada no mundo moderno, no meio dos pobres, ecumênica e democrática, que expulsasse o mofo que se havia instalado na Igreja pós- Vaticano I (1869-1870), em continuidade com o Concílio de Trento (1545 a 1563): uma Igreja na defensiva, apologética e preocupada com seu corpo interno, o que fortalecia uma Igreja Instituição e hierárquica, em um estilo monárquico e centralizador.

O pontificado de Paulo VI continuou com relativa firmeza o processo de abertura da Igreja, o que desaguou na definição da Igreja como "Povo de Deus". Esta nova eclesiologia abriu espaço para o surgimento e crescimento das CEBs, uma vez que os leigos passaram a ser vistos como protagonistas na comunidade eclesial. Tratava-se de uma nova eclesiogênese, isto é, a origem de uma Igreja a partir dos prediletos de Deus, os pobres e seus aliados.

Duas experiências se conjugaram, alimentando o nascimento e o desenvolvimento das CEBs no Brasil: a experiência da iniqüidade do sistema capitalista que, como um vampiro, espalha mortes para multidões inteiras, e a leitura da Bíblia em comunidade. "Intelectuais orgânicos" ajudaram os pobres a perceber que o sofrimento, ao qual estavam sendo submetidos não era casual, mas causado, em grande parte, pelo capitalismo, sistema político-econômico e cultural, estruturalmente injusto e opressor. Durante a ditadura militar uma campanha anticomunista gerou um grande temor do comunismo, mas quanto mais se temia o comunismo mais se caía nas garras do capitalismo. Fechados na idolatria do capital, não podíamos continuar. Abrir-se e criar alternativas não conhecidas poderia ser ensaio de libertação. Crescese a consciência de que ser cristão implica ser anticapitalista. Via-se com clareza que a libertação ou a opressão dos

pobres estava ligada intimamente à manutenção ou à superação do capitalismo, sistema da idolatria do capital e do mercado.

Em Círculos Bíblicos, disseminados aos milhares pelas CEBs, os pobres vão, paulatinamente, se apropriando da Bíblia, não mais segundo a interpretação dada por certos padres no sermão, mas lida e refletida de forma comunitária, militante e transformadora. Um olho na Bíblia e outro na realidade da vida dos pobres! Assim, a Bíblia passa a ser um farol que ilumina a caminhada de libertação integral. O povo das CEBs se sente como Povo de Deus, em marcha pela construção do Reino de Deus, de baixo para cima e de dentro de si mesmo para fora.

Mesmo tendo encontrado sua legitimidade na palavra do magistério universal na *Evangelii Nuntinandi, 58,* a confirmação das CEBs se deu em Puebla, no México, em 1979, na 3ª Conferência Episcopal latino-americana,. O Documento de Puebla assim se expressa: "As comunidades eclesiais de base, que, em 1968, eram apenas uma experiência incipiente, amadureceram e multiplicaram-se sobretudo em alguns países. Em comunhão com seus bispos e como pedia Medellín, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e de desenvolvimento."

As CEBs ocuparam, principalmente a partir da maturidade, importante papel na construção dos movimentos sociais no Brasil a ponto de serem consideradas "sementeiras de movimentos populares". Foram fundamentais na organização e no fortalecimento dos movimentos que lutaram contra as ditaduras militares, instaladas em diversos pontos do Continente latino-americano. De fato, a maturidade das CEBs pode ser compreendida em três momentos: o primeiro, com o Documento da CNBB, em 1982, que reconhece: *"Fenômeno estritamente eclesial, as CEBs em nosso país nasceram no seio da Igreja-instituição e tornaram-se* ***"um novo modo de ser Igreja"***. Ao redor delas desenvolveu-se a ação pastoral e evangelizadora da Igreja. O segundo momento aconteceu com o VI Encontro Intereclesial das CEBs, em Trindade/GO, no ano de 1986, quando se cunhou o slogan: ***"CEBs: Um modo novo de ser de toda a Igreja."*** Essa afirmação mostra que o espírito das CEBs há de fermentar toda a instituição eclesial a partir da Opção pelos Pobres. Finalmente, o terceiro momento pode ser compreendido na feliz expressão de D. Pedro Casaldáliga: ***"CEBs: O modo normal de toda a Igreja ser."*** Esta expressão quer significar que as questões fundamentais, defendidas pelas CEBs, devem ser assimiladas por toda a Igreja-instituição, uma vez que fazem parte da defesa da vida de todos e de tudo.

Atualmente, as CEBs continuam sendo fator primordial de promoção humana e de libertação integral. São comunidades missionárias, proféticas e ecumênicas, isto é, abertas ao mundo, ao diferente, aos pobres e excluídos, às diversas culturas e religiões e a todos que trabalham e lutam pela justiça e paz. A construção de uma sociedade, justa e solidária, pressupõe a libertação de toda forma de preconceito e discriminação, a disposição ao diálogo, a busca de novos caminhos que superem as enormes bar-

reiras e contradições sociais. Enfim, a construção de uma sociedade que tenha como fundamento o amor e a paz.

Dois aspectos principais nos dão a certeza do papel integrador que está sendo assumido pelas CEBs: primeiro, a formação cristã fundada em uma fé libertadora; segundo, o compromisso com os destinos político-econômico e ecológico do país, por meio de uma participação cidadã, extremamente descentralizada, capilarizada por toda a sociedade civil, de forma consciente e solidária, em que a tônica da organização é, em primeiro lugar, os interesses da comunidade e não os interesses individuais.

As CEBs têm a ética libertadora como mola mestra da vida pessoal, comunitária e social. Vive-se eticamente na solidariedade com o outro. Assim as CEBs contribuem muito na construção e fortalecimento de uma rede de solidariedade e de luta por justiça. Em comunhão com todo o movimento da Sociedade Civil mundial organizada, que constitui o Fórum Social Mundial, as CEBs lutam pela construção de um mundo diferente e melhor, um mundo justo, possível e necessário. Elas reconhecem que este objetivo só será possível com / a partir / e em vista de índios, negros, sem terra, mulheres, desempregados e todos os discriminados na sociedade.

V – A Espiritualidade das CEBs

As CEBs têm contribuído muito para o resgate do sentido bíblico de espiritualidade: vida segundo o espírito. Mas que espírito? Um espírito de vida e de ressurreição (Rm 8,11.13), o mais profundo de nossa humanidade, de nossas raízes mais genuínas que gestam projetos orientados para a reprodução, promoção e defesa da vida em todas as suas manifestações. O Espírito que move as CEBs visa resgatar as vidas humanas, muitas vezes, trituradas por um sistema opressor, excludente e antiecológico, passando pelas vidas dos ecossistemas até à vida do planeta Terra, nossa única casa comum.

No confronto da Espiritualidade Libertadora das CEBs com muitas outras espiritualidades, podemos entrever um "**decálogo da espiritualidade das CEBs**" no que segue:

1) **Mantém vínculo estreito e fidelidade total a Jesus, a seu Caminho, a seu projeto** em uma sociedade estruturalmente opressora e excludente. Seguir Jesus, parecer-se com ele, mas não **para** Jesus, mas **pelos e com os** excluídos. Parecer com Jesus é assumir a solidariedade com os excluídos na luta por libertação.

2) **É fundamentalmente dialogal e ecumênica, inculturada, aberta a todas** as pessoas, igrejas, religiões, situações e realidades, vendo o diferente que está na horizontalidade não como inimigo, mas como irmão, elemento que soma e pode contribuir, efetivamente, para a construção do reino de amor e justiça.

3) **Tem uma consideração e carinho especial pelos pobres e excluídos** e vai ao encontro deles para anunciar-lhes a Boa Nova de Jesus de que eles mesmos são os portadores e os destinatários privilegiados e, portanto, são sujeitos de sua própria libertação. Pobre não é apenas um poço de carências; pobre é

também sabedoria, festa, poesia, gingado, resistência, alegria, arte e beleza.

4) **É inclusiva de todos:** mulheres, índios, negros, crianças, dependentes químicos, deficientes, aidéticos, homossexuais, prostitutas etc., reproduzindo para todos a ação misericordiosa e libertadora de Jesus que sempre foi ao encontro e conviveu com as "ovelhas perdidas", não discriminando ninguém, mas incluindo todos e tudo como convidados de honra à mesa do reino.

5) **Supera a tentação do poder dominação** em suas mais diversas expressões (prestígio, fama, bajulações, riquezas), para converter-se ao modelo evangélico do "poder-serviço", fazendo-se servidor/a da humanidade peregrina e repetindo para todos o compromisso daquele que é Mestre e Senhor: "Estou no meio de vocês como aquele que serve" (Lc 22,27).

6) **Alimenta a comunhão eclesial,** não como ela se tem apresentado na atual estrutura eclesiástica (para obedecer servilmente, sem nenhuma postura crítica ou evangélica, a ordens conforme interesses e projetos classistas), mas como a comunhão dos primeiros cristãos, no trabalho para que a Igreja seja sacramento do Reino para o mundo,[2] na partilha solidária dos dons e dos bens e na defesa dos direitos dos mais fracos (Cf. At 2,42-47; 4,32-37).

7) **Participa ativamente nas "ferramentas do Reino"** (pastorais sociais, associações de bairro, movimentos populares, ONGs, sindicatos, partidos políticos etc.) como expressão concreta e comprometida do seguimento de Jesus e de sua opção pelos pobres e excluídos.

8) **Mesmo em meio à dor e sofrimento** – e até por causa da dor e do sofrimento – **é testemunha da alegria** que se manifesta no bom humor, no encontro informal em uma roda de conversa, na amizade, na acolhida terna e fraterna que, enquanto alimentam o sonho de um novo amanhecer, antecipam a festa da ressurreição e da vida;

9) **Conserva viva na mente, no coração e na liturgia a memória e comunhão com os Mártires da Caminhada,** que deram a vida por amor e pela causa da justiça, tornando-se assim continuação da Páscoa de Jesus Cristo e, portanto, esperança-certeza de ressurreição e de vida nova para todos e tudo.

10) **Une fé e vida, religião e política,** na promoção da justiça e da solidariedade, com o objetivo de animar "um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida".

VI – Gritaria de deuses

Olhando por um prisma mais geral, a partir das instituições e das massas, talvez possamos dizer que há na sociedade brasileira uma grande gritaria de deuses por todos os lados. Observamos um crescimento acelerado e progressivo da busca de experiência do sagrado fora das entranhas das relações humanas. Multiplicam-se grupos religiosos autônomos.

Essa corrida desenfreada a experiências religiosas, na maioria das vezes, não resulta em verdadeiras experiências de

[2] Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 3 e 5.

Deus, esta, pois, que cultiva e desenvolve o infinito potencial humano de cada pessoa.

Muitas tendências religiosas, católicas ou evangélicas, promovem uma espiritualidade vazia, descomprometida, acrítica, light; fazem experimentar um Jesus visto unilateralmente como "doce", "amável", "bondoso", um Cristo sem conflitos (contra o que prescreve, p. ex., Mt 23 ou Lc 21,13-19), sem cruz (contra o que prescreve Lc 9,23; 14,27), sem reino (contra o que prescreve Mc 1,15; Mt 12,28) e sem evangelho, boa notícia para os pobres, mas péssima notícia para os opressores (cf. Mc 16,15); um Cristo que nunca se indispôs com ninguém, que pura e simplesmente abençoou o status quo da sociedade e da religião oficial de seu tempo. A quem (pessoas) e a quê (instituições) interessa um Jesus assim? Quem foge das relações humanas na esperança de encontrar Deus, na verdade, está fugindo de Deus, uma vez que o verdadeiro encontro com Deus é mediado pela realidade na relação concreta com irmãos e irmãs (Cf. 1Jo 4,11-18) e com todas as criaturas.

Muitas vezes essas espiritualidades volatizadoras da fé cristã cultivam, na prática, um "decálogo da desfiguração da pessoa humana", que deve ser evitado e destruído:

1. **Metem medo nas pessoas.** Há uma quota normal de medo que integra a condição humana, viabiliza a preservação da vida, na medida que possibilita evitar ou atacar o agressor. Entretanto, a "indústria do medo" hoje está trabalhando a todo vapor mas com um medo exagerado. Um medo que amordaça, amarra e aniquila o potencial humano. Trombetear interpretações literais e fundamentalistas do livro do Apocalipse trai completamente o objetivo original dos textos apocalípticos que é fomentar esperança para quem já está na luta.
2. **Imprimem sentimento de culpa.** Ter a capacidade de fazer auto-crítica e perceber os próprios erros e limites faz bem. Mas deixar-se encabrestar por um sentimento de culpa conduz a pessoa para um despenhadeiro. Recordemos sempre: Deus é só amor! Está sempre de braços e coração abertos para acolher-nos com um largo sorriso na face.
3. **Alimentam dualismos**. Separar o que não deve ser separado gera um esquartejamento do ser humano e de toda a criação. Tudo está ligado com tudo. Cerceiam o esplendor da vida os dualismos, tais como, separar céu e terra, sagrado e profano, leigo e religioso, puro e impuro, bom e mau, Deus e ser humano. Tudo isso pode ser compreendido como partes complementares de um mesmo todo. Contrários mas não contraditórios.
4. **Salvação é uma questão individual**. Quem se esforça egoisticamente para salvar a si mesmo está se perdendo e pisa nos outros (in)conscientemente.
5. **Promovem o individualismo**. Fomentar o individualismo atende aos

[2] Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 3 e 5.

ditames do capitalismo, pois inocula o germe da competição entre todos. A humanidade precisa é de pessoas, elos vivos da grande comunidade de vida, que se consideram devedores de tudo e todos, tecem relações de cooperação e complementariedade.

6. **Enfatizam demasiadamente nossa dimensão pecadora.** Somos humanos. Pecar não é o fim do mundo. Muitas vezes erros e quedas se tornam profundamente pedagógicos e libertadores. Aprendemos mais pelos erros ou pelos acertos?
7. **Pensar que a vida tem uma dimensão mágica.** O Deus cristão age eminentemente na história. As religiões mistéricas são pagãs. Milagre no sentido de uma intervenção artificial de Deus na história não existe. Um Deus que salvasse uns e deixasse outros no desamparo não seria um Deus amor.
8. **Reforçam o moralismo.** Viver com ética, sim. Princípios éticos tornam a convivência uma riqueza e traz felicidade para todos. Mas moralismos inibem e intimidam. Não somos marionètes para vivermos dentro do "isso pode, aquilo não pode", "isso é permitido, aquilo não é".
9. **Não questionam as Instituições.** Infelizmente todas as instituições que sustentaram a modernidade estão em crise: Estado, Igrejas, Família, Educação, Mundos do Trabalho e da Produção. Feliz quem tem a audácia de questionar as instituições enrijecidas que engessam o vigor criativo das pessoas.
10. **Reduzem o ser humano a mero consumidor.** O esplendor humano, com dignidade, beleza, criatividade, sede de transcendência e força infinita, não pode ser domesticado ao sabor do ídolo "mercado" que intoxica tantos que se ajoelham a seus pés.

VII – E a Vida Religiosa? Continua com as CEBs?

No pontificado de João Paulo II, iniciado em 1978, a partir de uma equipe conservadora que o assessora começaram a soprar ventos contrários à caminhada de libertação integral com opção pelos pobres. Iniciou-se um longo inverno para a Igreja "Povo de Deus", para as CEBs e para a Vida Religiosa. Esta foi chamada a enquadrar-se na lógica da Grande Disciplina[3] da Igreja Instituição. Pari passo com o neoliberalismo político e com a globocolonização da economia setores da Igreja estão divulgando, pelo mundo afora, um "neoliberalismo religioso", um projeto de "pensamento único" que visa inibir toda a beleza da diversidade das igrejas locais que costuram unidade em um grande pluralismo. Há representantes "de lá e de cá" implementando práticas conservadoras e restauradoras da Grande Disciplina, o que, na prática, contradiz o Espírito do Concílio Vaticano II. Promove-se o esvaziamento de temas importantes como Igreja-Povo-de-Deus, ecumenismo, inculturação, a legítima autonomia das igrejas locais, etc. As CEBs, de uma forma velada e dissimulada, são incompreendidas

[3] J. B. Libânio, *A volta à Grande Disciplina*, São Paulo, Loyola, 1983.

e, às vezes atacadas, por setores da hierarquia católica e por movimentos católicos transnacionais (como Opus Dei, Comunhão e Libertação, Movimento Carismático, Neocatecumenato e outros). Lançam suspeitas de politização e marxização da fé cristã. No entanto, não percebem a capitalização da fé cristã que, muitas vezes, acaba acontecendo em grupos que não aceitam uma interpretação bíblica libertadora com uma exegese bem fundamentada. Aceitam apenas leituras bíblicas que satisfaçam os próprios interesses para justificação de posturas suspeitas evangelicamente.

No 3º Encontro Mineiro de CEBs, em novembro de 2002, em Contagem/MG, com o tema "O Espírito rompe barreiras e faz brotar diversidade e novidade nas origens do Cristianismo", sob o lema "Cebs, surpresa do novo escondido nas origens", uma das maiores barreiras encontrada pelas CEBs foi a diminuição de padres comprometidos com a caminhada de opção pelos pobres. Reclamações diziam que um grande número de padres recém-ordenados se revelavam moralistas, autoritários e acomodados, o que dificultava a caminhada das CEBs, pela falta de apoio, por indiferença ou, até mesmo, por alimentar movimentos espiritualistas. Muitos até sentiam saudades dos bons tempos em que um número maior de padres estava firme e solidário na caminhada das CEBs.

Muitos dos novos padres são oriundos do movimento carismático ou de outros movimentos conservadores. Há uma avalanche de espiritualismos que tentam induzir a juventude a expressões religiosas mais menos encarnadas da fé. Mas freiras e freis, mais veteranos, perseveram na opção pelos pobres e são acompanhados por parte da juventude da Vida Religiosa. Sente-se que as coordenações da CRB, nos níveis Nacional e dos Estados, com o impulso da assessoria teológica, tentam, como uma locomotiva, dinamizar a maioria da Vida Religiosa para um processo de refundação, mas é cada vez menor o número de adesão a opções mais engajadas. 67% dos religiosos sentem a necessidade de mudança; entre as religiosas, 64,1% clamam por mudanças[4]. É fundamental não esquecer as colunas das igrejas primitivas - Pedro, Tiago e João -, que, ao acolher os clamores da igreja de Antioquia, igreja da periferia, relativo à superação da obrigatoriedade da circuncisão para os gentios que aderiam ao cristianismo, exortaram vivamente as comunidades: "Não impomos nada. Apenas alertamos: não esqueçam dos pobres" (Gl 2,6.10). Era hora de "criatividade fiel", mais do que "fidelidade criativa". Melhor dizendo, urge "reinvenção criativa".

Convicto da força espiritual dos pobres que caminham nas CEBs e da Vida Religiosa, termino com um quase poema de Ana Roy: "Vida Religiosa querida e cheia de graça; pequena também, sujeita a todos os eventos, realidade frágil e forte, nunca terminada... segue adiante! No momento oportuno, Ele fará novas todas as coisas!" E não esqueça-

[4] CERIS/CRB, *Vida Religiosa no Brasil. Pesquisa e primeiros resultados*, Rio, CRB, 1998, - Leitura teológica feita por M. Fabri dos Anjos, p. 77.

mos o pedido carinhoso que as CEBs fazem a todas as religiosas e religiosos: "Continuem conosco! Vocês são imprescindíveis à nossa batalha pela transfiguração do mundo e da Igreja."

Frei Gilvander Luís Moreira, O.Carm - Frei e Padre Carmelita, mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma/Itália; Professor de Exegese e Teologia Bíblica do Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte/MG e no Seminário Teológico de Mariana/MG; Assessor de CEBs, CEBI, CPT, MST, SAB e PO. Autor do livro *COMPAIXÃO-MISERICÓRDIA, uma espiritualidade que humaniza*, Ed. Paulinas, 1996, com tradução revista e aprofundada para o italiano sob o título *COMPASSIONE-MISERICORDIA, una spiritualità che umaniza*, Casa Editrice Vaticana, 2003. Co-autor dos livros: *O Espírito rompe Barreiras* (At 1-15), CEBI, São Leopoldo, 2002; *Barreiras Vencidas, Portas Abertas* (At 16-28), CEBI, São Leopoldo, 2003.
Endereço do autor:
Email: gilvander@veloxmail.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Você e sua comunidade estão acompanhando a preparação do próximo encontro das CEBs, a realizar-se em 2005?
2- No seu contexto eclesial existem CEBs? Que relacionamento mantêm com elas as comunidades religiosas?
3- Como a Vida Religiosa pode colaborar com as CEBs no sentido de ajudá-las a manter-se dinâmicas e atuantes?

"O amor verdadeiro pode ser encontrado no modo autenticamente cristão de levar a vida, como foi ensaiado nas primeiras comunidades cristãs."

Provocação dos místicos modernos à Vida Religiosa hoje

Uma tentativa de encontrar na mística de olhos abertos de Madeleine Delbrêl, sementes para revitalizar a atenção e o desejo

MARTIN KÖNIGSTEIN SS.CC.

Madeleine Delbrêl (Paris, 1904-1964) destaca-se entre as cristãs e cristãos que sentiram o desafio de uma época onde Deus parece estar ausente. Na sua juventude ela não acreditava em Deus, estudou filosofia na Sorbona e publicou com sucesso seus poemas.

- Num deles, diz: "Então encontrei Deus, ou melhor, ao orar percebi que foi Deus quem me encontrou e que Ele é uma realidade viva e que pode ser amado como as pessoas são amadas."[1]

Cada vez mais ela percebia que a iniciativa é de Deus: "Eu te amei com amor eterno; por isso te atrai com fidelidade"(Jer 31,3). E contemplando esse Deus que a "encontrou", que a atrai com muita força, Madeleine vê que "para encontrar Deus é preciso saber que Ele está em toda parte, mas também é preciso saber que Ele nunca está só". Esse descobrimento a motivou e animou pelo resto de sua vida. Interrompeu os estudos na Sorbona e começou uma nova carreira que a ajudou a encarnar e concretizar tudo o que ela ia descobrindo: "nossa única tarefa é amar". Madeleine foi assistente social na periferia de Paris. Aos poucos foi reunindo uma comunidade de mulheres jovens que partilhavam da mesma busca e que foram se preparando juntas para a sua "missão" na Igreja. Igreja era para ela antes de tudo e mais que qualquer outra coisa "a encarnação do Amor de Deus", a encarnação do Evangelho de Jesus.

"Quando segurarmos o Evangelho nas mãos, devemos pensar que nele habita o Verbo que quer se fazer carne em nós, tomar posse de nós, para que com seu coração inserido no nosso, com seu espírito unido a nosso espírito, reiniciemos sua vida em outro lugar, em outro tempo, em outra sociedade humana"[2] Não basta ler o Evangelho, é preciso "encontrar-se com a pessoa de Jesus, em oração, em busca e escuta atenta, aberto ao que Ele disse, ao que Ele fez. Expondo nossa vida – tal como ela está- diante dele, para que Ele a transforme cada vez mais naquilo que deve ser"[3].

Assumir a missão de encarnar o amor de Deus, "reiniciar a vida de Jesus em outro tempo e em outra sociedade hu-

[1] Madeleine Delbrêl, Ville marxiste terre de mission, Paris 1995 (VM).
[2] Madeleine Delbrêl, La alegría de creer. Salamanca, 1995 (JC), p. 38.
[3] Madeleine Delbrêl", Indivisible amor.

mana" significa para ela partir. Missão é êxodo, é sair e chegar. Ao terminar seus estudos e depois de ter-se formado como assistente social, Madeleine e a comunidade partem. Simbolicamente realizam esse passo imitando as cerimônias de envio e de despedida daquelas mulheres e homens que partiam para terras distantes de missão, saindo de um dos grandes portos, fazendo sua viagem para seu destino num navio. Madeleine e sua comunidade fazem um retiro, celebram uma festa de despedida com familiares e amigos, e são acompanhadas até à estação do trem metropolitano da Place d'Italy. Lá se despedem com lenços, saudações e bons desejos, para que as missionárias cheguem bem a Ivry, na periferia de Paris, seu lugar de missão. Elas são "missionárias sem navio"[4]. Foi esse o primeiro passo desse "êxodo missionário": de agora em diante, dirá: "somos diferentes, somos gente de rua". Porém logo vai se ver que essa partida naquele 15 de outubro da Place d'Italy não foi suficiente. Madeleine percebe que a vida e o anúncio tradicional da fé continuam no interior do ambiente eclesiástico, e na melhor das hipóteses apenas serve para fortalecer aqueles que já estão e reforçar o seu compromisso. Por isso, depois de dois anos, deixa seu trabalho na paróquia de Ivry. Madeleine, sempre atenta, tinha percebido que: "Se na minha cidade e em outras cidades há pessoas que dizem que Deus está morto e se os cristãos – conscientes ou não- foram os culpados por essa situação, então, sou eu quem vive hoje, e sou eu hoje quem é responsável"[5]. Mas deve admitir que "em ambientes onde os cristãos vivem por várias gerações, há uma certa confusão entre a fé e uma certa mentalidade de um lado e uns costumes que são tidos por cristãos de outro.

Nessa mentalidade, o dom livre de si mesmo a Deus, o poder conhecer quem Ele é, o poder agir como Ele quer, o dom da vida criada e da vida eterna, da criação e da encarnação salvadora, tudo isso foi sendo transformado em uma possessão herdada e adquirida desde o nascimento nas famílias cristãs. Aos poucos as virtudes evangélicas vão se transformado e se confundem com o comportamento de uma pessoa decente.

Se dessa maneira a vida cristã é debilitada na sua essência, é fácil que opiniões e obrigações alheias ao Evangelho escondam e esmaguem aquilo que é autenticamente evangélico e cristão. Os cristãos se apegam a moralismos, a opiniões políticas, adotam um certo estilo de vida e costumes indiferentes por elas mesmas, e consideram tudo isso como sendo obrigações da vida cristã, e o confundem com a vida da fé"[6].

Não será, pois, no "interior" da comunidade paroquial com seus afazeres e costumes, com suas tradições, onde ela poderá assumir essa responsabilidade. Madeleine vê que na paróquia tradicional o máximo que poderá fazer será ajudar a melhorar um pouco os que já estão

[4] Madeleine Delbrêl, Nous autres, gens des rues, Paris 1995 (NA) p. 68.
[5] VM. p. 192.
[6] NA p. 253.

lá. Ela quer ir além e percebe que a dificuldade está em nossos apegos e na rotina. Se "Missão" é partir, a partida tem um preço, deve se renunciar a "tudo aquilo que não é o Reino dos Céus". Para partir é preciso cortar as amarras, é preciso renunciar para andar ligeiros.

"Não pode não partir quem o Espírito de Deus impulsiona.
Sempre imaginamos que para ir precisamos de caminhos,
de etapas, de países que vão mudando.
Mas esse não o caminho.
É, simplesmente, a vida.
A vida que passa
e que nos leva quando soltamos as amarras (...).

"Pois, se vocês amam somente a quem ama vocês...
vocês não precisam partir..., eles virão a vocês.
Mas se vocês amam a quem não ama vocês...
vocês terão que partir continuamente ao encontro deles.

É a pobreza de quem vai.

É incrível o número de coisas que nos impedem de
sermos ágeis, sermos ligeiros.
Nós não percebemos, mas
se da noite até a manhã fossemos despossuídos
estaríamos espontaneamente
do lado de um grande número pessoas que achamos que vive do outro lado do mundo.

Aquilo que nos impede de sermos ágeis são as nossas teologias, a nossa moral burguesa, a política eclesiástica, nossas comunidades...[7].

Se alguém quiser conhecer livremente
esses irmãos humilhados
que moram no mundo
precisa de uma indiferença real para
com tudo aquilo que não seja
essa fé nua, essencial,
que faz perder a memória e o gosto
e sua própria originalidade.
Essa fé que nos faz simples
com essa simplicidade que todos os santos aceitaram
e que os levou até os confins do mundo.

Porque o preço da pobreza é muito alto.
Compra-se com o sacrifício de tudo
aquilo que não é
o reino dos céus.

Assim tudo o que for interessante para os outros
será interessante para nós,
e serão bem vistos os heroísmos que antes não eram atraentes para nós,
e fraternas as pessoas que nunca foram parecidas a nós.

Então, aqueles que nos encontrarem no seu caminho

[7] O texto entre parêntesis substitui um trecho maior no original (Nota do recopilador).

estenderão suas mãos ávidas
de um tesouro que brotará de nós;
de um tesouro liberado de nossas
vasilhas de barro,
de nossas cestas lotadas,
de nossos baús, de nossa bagagem,
de um tesouro simplesmente divino,
que estará na moda de todos
porque terá deixado de se vestir à
nossa moda.

Então seremos ágeis e, ao mesmo
tempo,
nos teremos convertido em parábolas,
parábola da pérola única,
minúscula, redonda e preciosa,
pela qual vendemos tudo".[8]

Madeleine deixa seu trabalho na paróquia e é contratada pela prefeitura de Ivry como assistente social. No município de Ivry, governado fazia já alguns anos pelo Partido Comunista, Madeleine chegou ao lugar e ambiente onde poderá viver sua vocação missionária. Não precisou navio para chegar lá, mas muita docilidade e atenção ao Espírito, capacidade de discernimento para poder obedecer. O marxismo, tal como o encontra Madeleine no ambiente de Ivry, enquanto cultura atéia já despojada dos costumes e das tradições cristãs, desafia a vida de fé porque não se satisfaz com as respostas tradicionais que nada lhe dizem. As comunidades eclesiais e burguesas desafiam a vida de fé porque reduziram as exigências do Evangelho a uma conduta de "pessoas decentes" e confundem um conjunto de costumes com a vida de fé, tratam Deus como se fosse uma idéia e o reduzem a sua propriedade privada. Nesse contexto, escreve Madeleine:

"O conhecimento do marxismo (poderíamos acrescentar: do agnosticismo, do ateísmo prático, da indiferença, etc.) chegou a ser para nós a oportunidade para um retorno fervoroso a viver concretamente nossa vida de fé, a tomar essa fé por aquilo que ela é: a possibilidade inaudita de conhecer (um) Deus que vive, e de amar (um) Deus que nos ama. Temos a oportunidade de saber melhor que Deus é o companheiro de nossa vida, como também a causa e a meta de nossa vida e de dizer isso em alta voz: Aceitamos sermos minúsculos, carregados por uma missão que nos supera, que nos esmaga: podemos glorificar Deus por nós mesmos e por todos"[9].

Pensando na cristandade de seu tempo constata: "Não anunciamos uma boa nova porque o Evangelho não tem nada de novo para nós. Estamos acostumados, e o Evangelho virou uma novidade velha. O Deus vivo deixou de ser uma felicidade tremenda e comovedora. Deus é algo que damos por sabido e chegou a ser o pano de fundo de nossa vida. Não percebemos o significado que teria a ausência de Deus para nós; assim nem imaginamos o que isso significa para os outros. Quando falamos de Deus, falamos de uma idéia, em vez de dar testemunho de um amor que nos sustenta e que pode ser partilhado com os outros.

[8] JC, p. 91 ss.
[9] VM, p. 166.

Não podemos anunciar nossa fé aos que não crêem, como um caminho de libertação do absurdo de um mundo sem Deus, porque não percebemos esse absurdo. Defendemos Deus como defendemos nossa propriedade privada. Ele não é anunciado como a vida de toda vida, como Aquele que está próximo a todo ser que vive. Não anunciamos a eterna novidade de Deus, talvez polemizamos e defendemos uma forma determinada de compreender a vida que queremos que sobreviva. Assim, todo esforço de inserção, de ficar perto dos outros para poder compreendê-los, para falar sua mesma língua, toda tentativa de estar presente, será inútil, se não nos reencontrarmos em primeiro lugar com a mensagem total que recebemos para partilhar"[10].

Para Madeleine Delbrêl esta dupla ausência de Deus (no ambiente burguês-eclesiástico pelo comodismo e no ambiente marxista pelo seu ateísmo militante) é um exercício espiritual intenso. Trata-se de se deixar evangelizar de novo, trata-se de redescobrir o que é o essencial na fé cristã. Para poder se entregar por inteiro ao Evangelho, e para poder descobrir o duplo nada da nossa condição de seres criados e de pecadores, é preciso ter consciência da dupla escuridão onde está inserida nossa vida: a escuridão insondável de Deus e a escuridão do ser humano. É preciso estar submergidos no ambiente de morte que é toda nossa maneira humana de amar: a destruição do tempo, a fragilidade universal, a decomposição do tempo, de todos os valores, dos grupos humanos, de nós mesmos. No pólo contrário temos de tocar o universo impenetrável da interioridade (da firmeza) de Deus, para poder perceber o horror da escuridão para que assim a luz do Evangelho chegue a ser mais indispensável do que o pão. Aquele que não tomar o livro do Evangelho com a decisão de uma pessoa que tem essa última esperança, não poderá decifrá-lo nem acolher sua mensagem."[11].

"Nesta hora as palavras `luz´ e `trevas´ recebem um sentido muito especial. A palavra `trevas´ da Bíblia se mostra para nós em pessoas que conhecemos muito bem, trevas mais escuras do que nunca. Não é apenas que Deus, como é revelado no Evangelho, tenha sido rejeitado. Todo reflexo de Deus, toda marca de Deus são ignorados. O homem é suficiente. O homem não quer outra luz a não ser ele mesmo. Se o cristão penetra na mentalidade e no pensamento de seus irmãos não crentes, pode entrar em contato com trevas de uma extraordinária densidade. Essa densidade aumenta, para o cristão pelo contraste da luz que ele carrega dentro dele mesmo. Quanto mais recebermos e acolhermos a luz de Deus em nós, mais forte acaba sendo o contraste. E esse é, na minha opinião, no momento atual, o ponto de partida das perspectivas missionárias. Os contatos com o ateísmo atual, ou com a não-crença, ou com a indiferença, não só deve provocar em nós a caridade missionária, deve *revitalizar nossa fé, uma fé que se abre a receber mais luz.* Porque a

[10] NA p. 255.

[11] NA p. 72.

fé que recebemos de Jesus Cristo nos capacita para amar a Deus, porque por essa fé reconhecemos Deus. Mas nossa situação de cristãos, acostumados demais a sermos tais, faz que não utilizemos essa capacidade, ou então que a utilizemos muito pouco. Amamos Deus mediocremente porque o conhecemos pela metade. *De tal maneira que parece ser nossa primeira obrigação conhecer Deus ao máximo para poder glorificá-lo ao máximo e para poder compensar ao máximo o desconhecimento de Deus em nosso próximo.*

Se chegarmos a estar convencidos de ser essa nossa primeira obrigação temporal, então, acredito, podemos enfrentar todas as outras obrigações temporais sem perder o equilíbrio de nossa vida sobrenatural, porque nos coloca irredutivelmente do lado do primeiro e do segundo mandamentos do Senhor"[12].

"O Espírito Santo sempre levou os enamorados para o deserto. Nós, missionários sem navio, somos levados pelo Espírito para outros desertos... Apenas um instante e as portas de acesso estarão abertas e subiremos em um vagão do metrô. Veremos faces, testas, bocas... Ou à noite, com chuva ou com lua, encontramos pessoas no caminho, gente que fala em malas, em comida, em dinheiro, em trabalho, em medos, em brigas, mas nunca, quase nunca, daquilo que nós entendemos por amor.

No meio da massa, coração com coração, apertados entre tantos corpos no vagão do metrô, todos desconhecidos, nosso coração bate como um passarinho apertado na mão. O Espírito Santo, todo o Espírito Santo, em nosso pobre coração. O amor tão grande e tão largo como Deus mesmo, pulsa no meu coração como um mar que quer se libertar, que quer se expandir, entrar em todas essas pessoas... Posso andar por todas as ruas, posso viajar em todos os vagões do metrô, posso subir todas as escadas, posso levar o Senhor a todo lugar.

Senhor, que a crosta que cobre meu coração não seja um obstáculo para que teu amor passe. Passa! Traspassa! Meus olhos, minhas mãos, minha boca são teus. Diante dessa mulher tão triste perto de mim, eis minha boca para que Você sorria para ela. Diante desse menino tão pálido, eis meus olhos para que Você olhe para ele com carinho. Diante desse operário tão cansado, eis meu corpo e minha voz para que Você lhe ofereça um assento e diga a ele: 'sente-se'.

Diante desse garoto bobo, tão metido e aparentemente tão durão, eis meu coração para que Você o ame, como nunca antes foi amado"[13].

Madeleine é exigente e audaz ao pensar em formas concretas de levar adiante a missão. Ela é coerente e conseqüente no seu estilo de vida pessoal. Teve propostas, sugestões, pressões para se integrar numa comunidade religiosa ou fundar um instituto secular. Nunca aceitou, porque ela dizia dela mesma e de sua comunidade: "nós somos diferentes, somos gente da rua".

"Para que a fé seja entendida, sua

[12] NA p. 207 s.
[13] NA, p. 69.

mensagem compreendida, é preciso que aqueles que a anunciam não aceitem que nada os separe do mundo, exceto essa mesma fé. Eles devem querer estar unidos com os homens e as mulheres do mundo como irmãos/ãs de sangue, como irmãos/ãs de um mesmo destino. Se eles são forasteiros no mundo por causa de sua fé não poderão existir, sob própria responsabilidade, por qualquer outro motivo"[14].

E ela sabia que se fazer irmão/ã do destino das mulheres e dos homens de nosso mundo contemporâneo pode significar distanciar-se muito do ambiente acolhedor e protetor da comunidade eclesial, da 'Igreja lar', distanciar-se mais que se fosse uma viagem de navio a terras de missão. "O 'mundo', evangelicamente, parece estar em contradição com o reino de Deus. Ir ao mundo, aceitar o compromisso cristão no mundo, será conhecer, assumir e ficar lado a lado com tudo aquilo que em cada homem, próximo ou distante é estranho e oposto a Deus. É penetrar lá onde, de alguma maneira, Deus não está; caminhar para o desconhecido desígnio da redenção; caminhar como um homem no meio dos homens, mas como um homem habitado por Deus. O cristão vai entrar em contato com a negação absoluta e pública de Deus... mesmo lá onde o cristão está situado por crer em um Deus adorável. Adorar Deus é chamar 'Deus' a Deus em um mesmo ato; tudo o que faz um homem cristão, todas as nossas relações com Deus, se reconhecem em um único ato. Diante da não crença, do marxismo, a adoração é imposta como um ato essencial de justiça elementar. Somos levados a permanecer lá onde se diz: 'Deus está morto', a deixar que seja inscrito em nós, ao vivo, o nome de Jesus Cristo, Deus salvador vivo também.

A imensa solidão da adoração que toma conta de nós, é duplicada em uma solidão de amor: 'porque não somos do mundo, o mundo nos odeia', nos despreza como parcialmente inexistentes, como algo morto que pode propagar a morte. O Espírito de Deus leva a Igreja a ultrapassar novas fronteiras, enfrentar novos êxodos, a perseguir sua terra prometida: as promessas feitas por Jesus Cristo aos confins da terra. Isso é algo que a Igreja não pode viver em abstrato, mas precisa nossa carne, nosso sangue e nosso coração; precisa constantemente que alguns de seus filhos o vivam. E aqueles de seus filhos que o Espírito move e que ele envia se distanciam de tudo aquilo que significa negação da cidade de Deus que prefigura a pátria da eternidade. Não são mais bem acolhidos pelos seus irmãos e nem mesmo reconhecidos. Sua unidade é reconhecida apenas pela fé. A vida mesma que recebemos de uma comunidade cada vez mais presente, mas ao mesmo tempo, mais envolvida no mistério da fé, nos faz ser solitários. E sofremos essa solidão entre os homens que amamos cada vez mais lá onde há dificuldades; homens que são nossos irmãos, sofredores às vezes, cegos freqüentemente, sempre amados. A tensão de todo compromisso cristão é explicada pela Cruz, é resolvida na Cruz:

[14] NA, p. 183.

ela é nosso equilíbrio normal de cristãos. A cruz está plantada precisamente lá entre os dois mandamentos da caridade que Deus quer inseparáveis e diferentes"[15].

"Em contato com cada não-crente me transformo em fronteira da Igreja: tento discernir onde posso ser flexível e onde devo ser firme nesse apostolado de fronteira. Sei que a fidelidade compassiva de Deus vigia essa fronteira, porque Cristo, o Senhor, quer ser anunciado até os confins da terra..."[16].

"Ainda que o mundo rejeite Deus, o coração de cada ser humano está 'feito para Deus'. Mas se um homem deve reconhecer Deus, não vai ser em um deus pequeno, em um 'deusinho' reduzido a nosso tamanho. Se o Deus 'que ninguém viu' pode ser conhecido através de Cristo e através de seu Evangelho, Ele não poderá ser reconhecido em um Evangelho que foi reduzido aos nossos conceitos e às nossas forças"[17].

"Somos livres para aceitar ou não a vontade do Senhor. Mas sabemos que na vontade do Senhor há alguma coisa que não pode ser discutido: devemos amar a Deus. Não podemos amar a Deus sem amar cada ser humano tanto como nós nos amamos a nós mesmos – isso é o mínimo, – e não podemos amar os homens de uma maneira que nos impeça de amar a Deus. Isso é tão grande, tão absoluto, tão indiscutível, lei tão fundamental de nossa vida, que o resto passa a ser secundário"[18]. "Nossa única tarefa é amar".

Contam do Pe. Esteban Gumucio que um dia, já velho e doente, foi convidado a tomar um chá com um grupo de pessoas portadoras da AIDS. Não houve nada de especial. O Pe. Esteban partilhou com o grupo, conversando, se interessando por cada um deles e delas. No fim do encontro, quando todos estavam indo embora, um dos presentes falou para o Pe. Esteban: "Padre, eu não acredito em Deus. Mas quero lhe dizer que se o seu Deus é um pouco como o senhor, eu gostaria de acreditar nele". No Pe. Esteban estava muito claro que ele havia se encontrado com Deus e que ele também sabia que Deus o tinha encontrado. E por isso não podia nem olhar, nem amar a Deus sem ver ao mesmo tempo as faces concretas de cada irmão, de cada irmã. O Pe. Esteban sabia que "para encontrar a Deus tem-se que saber que Ele está em todas as partes, mas também que Ele nunca está só".

Os escritos de Madeleine Delbrêl, aqui recopilados, apontam ao ponto de partida de toda perspectiva missionária que é a revitalização da própria fé, uma fé que se abre para receber mais luz para que essa luz "ilumine as trevas do próprio coração"; uma fé, em definitiva, que nos permite conhecer Deus e nos capacita, por isso, a amar a Deus. Para Madeleine era evidente aquilo que dizia Karl Rhaner nessa frase conhecida: "O cristão de amanhã será um místico –isto é, alguém que experimentou algo- ou então não

[15] JC, pp. 108 ss.
[16] VM, p. 37.
[17] NA, p. 83.
[18] NA, p. 164.

será nada." Sem a experiência mística não é possível dar testemunho do Deus vivo, Vida de toda vida. Sem a experiência mística apenas defendemos Deus como se defende uma propriedade privada, polemizamos e defendemos uma determinada forma de compreender a vida que queremos que sobreviva. Sem a experiência mística seguiremos preocupados com as estatísticas e ficaremos deprimidos porque em nossas igrejas e congregações religiosas somos cada vez mais velhos. Enquanto não abrirmos o coração para receber mais luz seguiremos procurando "sucesso" em novos métodos pastorais, que por outro lado ficam velhos cada vez mais rapidamente, e em novas estruturas organizativas.

A leitura dos textos de Madeleine Delbrêl nos faz perceber também que a linha divisória entre fé e não-crença, entre "luz e trevas" não passa por aqueles que somos Igreja, como os leigos e leigas, religiosos e religiosas e aqueles que dizem ser ateus ou agnósticos. A luta entre fé e não-crença acontece no meu coração. Isso não é novidade. Madeleine conhecia muito bem à santa de Lisieux que descreve assim sua experiência de Deus: "Quando quero que o meu coração fatigado descanse das trevas que o rodeiam evocando a lembrança da pátria luminosa a que aspiro, meu tormento recrudesce. Parece-me que as trevas, apropriando-se da voz dos pecadores, riem de mim e dizem: "você sonha com a luz, com uma pátria perfumada com as mais suaves fragrâncias; você sonha com a posse eterna do criador de todas essas maravilhas, você acha que algum dia sairá das brumas que a rodeiam. Vai enfrente!, vai enfrente!, alegre-se pela morte que lhe dará não aquilo que você está esperando, mas uma noite ainda mais escura, a noite do nada. Mãe querida, a imagem que tentei lhe dar das trevas que escurecem minha alma, é tão imperfeita como um esboço se comparado ao modelo. Porém não quero escrever mais. Estou com medo de blasfemar... estou até com medo de ter falado demais".

"Que Jesus me perdoe! Ele sabe muito bem que mesmo sem ter a felicidade da fé, no mínimo tento fazer obras de fé. Acho que tenho feito mais atos de fé no último ano que no resto de minha vida. A cada nova oportunidade de combate, quando sou provocada pelo meu inimigo, procuro agir como um valente; sabendo que é covardia aceitar o desafio, viro as costas para meu adversário sem sequer olhar sua cara. Porém vou correndo para meu Jesus e digo a ele que estou pronta a derramar até a última gota do meu sangue para confessar que o céu existe. Digo a ele que sou feliz por não gozar esse lindo céu aqui na terra, para que assim Ele possa abri-lo por toda a eternidade aos pobres incrédulos. Ao cantar a felicidade do céu, a eterna posse de Deus, não sinto alegria alguma por isso, simplesmente canto o que quero crer. É verdade que às vezes um raio de sol vem iluminar minhas trevas: então a provação cessa por um instante, mas depois, a lembrança desse raio de sol não me traz mais alegria e faz mais escuras ainda minhas trevas. Minha Mãe, nunca experimentei tanto como é suave e misericordioso o Senhor. Ele me enviou esta prova exatamente no momento em que tinha forças para suportá-la. Se ti-

vesse sido enviada antes, sem dúvida teria me abatido no desalento. Agora, ela tira de mim tudo o que poderia ter de satisfação natural no desejo que tinha do céu. Mãe querida, acho que agora nada me impede de alçar vôo porque já não estou mais com grandes desejos a não ser o amar até morrer de amor...[19]

Os missionários e missionárias sem navio, "a gente da rua", cada vez mais percebem que são "irmãos e irmãs de sangue" das mulheres e dos homens com quem se encontram no supermercado, no cinema, no escritório, com aqueles que caminham na rua. Nós somos companheiras e companheiros de destino da humanidade e a vida mesma está se encarregando de nos ensinar a sermos solidários/as.

Tomara possamos dizer com a santa de Lisieux e com seu mestre João da Cruz: "estou achando que agora não tem mais nada que me impeça de alçar o vôo".

O autor é membro do Conselho de Redação da Revista Testimonio (Chile).
Endereço do autor:
Via Nosadella, 6
40123 - Bologna

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- O que o Evangelho de Jesus Cristo tem de novo hoje, nestes momentos de mudança, para mim, para minha comunidade, para a vida religiosa?
2- Como encarnar todo o amor de Deus no quotidiano da vida contemporânea e fazê-lo palpável para os seres humanos aqui e agora?
3- Como fica a questão da inserção? Onde e como deveria se concretizar a inserção hoje para que possamos ser verdadeiramente companheiras e companheiros do destino dos seres humanos hoje?
4- Qual é nossa relação com a Igreja "instituição"? Ajuda ou dificulta na realização da missão?

"Aquele que não tomar o livro do Evangelho com a decisão de uma pessoa que tem essa última esperança, não poderá decifrá-lo nem acolher sua mensagem."

[19] Teresa do Menino Jesus, Historia de un Alma, Madrid, 1997, pp. 357 s.

"Na Casa do Senhor não existe satanás!"

É diabólico ou profético o sonho de um novo concílio ecumênico?

CARLOS C. SANTOS

Este trabalho modesto, sem nenhuma pretensão de exclusividade e, menos ainda, de exaurir todas as ricas possibilidades de um tema tão vasto quanto profundo, foi pensado com a intenção de acrescentar à abundante produção que já existe sobre o assunto (cf. www.proconcil.org), outros ingredientes que colaborem seja para desarmar espíritos prevenidos ou preconceituosos, seja para abrir novos caminhos que aprofundem o processo deslanchado com o II Concílio Ecumênico do Vaticano como apelo e desígnio de Deus, que continua nos convocando, hoje como em todos os tempos, a fazer do mundo a sua e nossa casa, porquanto *casa comum* de todos quantos peregrinam "nas estradas de um mundo desigual", com a vocação e missão de oferecer sua parcela de contribuição para transformar, o que por mãos e critérios humanos ainda é domínio do mal, em reino e reinado absoluto do Deus da Vida e Senhor da História.

1. Contextualizando: celebrar e avaliar a caminhada

"...a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura"...[1]

Em 2005 estaremos celebrando o 40º aniversário de encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II.[2] Uma data muito especial que, com certeza, será comemorada à luz da simbologia bíblica dos *"40 anos"* (cf. Ex, esp. cap. 17) de um deserto que também é fértil e suscita no coração dos caminheiros cansados e, muitas vezes, desanimados, a alegria de caminhar juntos, mantendo viva, apesar dos ventos contrários, aquela esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5), na certeza de que o deserto é tão somente passagem para a Terra Prometida, onde corre leite e mel (cf. Ex 3,8), e a "água, fonte de vida",[3] saciará definitivamente todas as sedes (cf. Jo 4,14).

Os grandes e inúmeros desafios que temos enfrentado neste início de século e milênio, a maioria dos quais, herança do século anterior (fome, miséria, violência, corrupção, guerra, desrespeito à diversidade cultural e religiosa, neoliberalismo, glo-

[1] Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 4.

[2] Um balanço dos efeitos positivos do Concílio, com as interrogações que suscita em termos de futuro, pode ser encontrado em: OLIVEROS, R. A 40 años del Vaticano II, una mirada al proceso eclesial acontecido. Christus 773 (2002) 12-17.

[3] Lema da Campanha da Fraternidade 2004.

balização etc.), têm-nos conduzido a uma reflexão mais séria, crítica e objetiva – preocupações que, a seu tempo, motivaram o Vaticano II – sobre a maneira como nós, cristãos e cristãs, vamos nos posicionar diante das pessoas, da realidade e do mundo. Felizmente, muitos já despertaram ou estão despertando para o diálogo e o respeito recíprocos como meios imprescindíveis para superar a tentação da dominação e unir diferentes mentalidades e atividades pessoais, interpessoais, culturais, comunitárias e sociais,[4] na construção daquela paz (*shalom*) que seja fruto da justiça e da solidariedade, e chegue a todos sem exclusão, realizando a utopia de "um outro mundo possível".

Nesta tarefa de sonhar e construir em mutirão, muitos são os irmãos e irmãs que, batizados e batizadas na Igreja Católica (leigos e leigas, religiosos e religiosas, padres, bispos), têm defendido a proposta da convocação e realização de um *Novo Concílio Ecumênico* que, em profunda sintonia e continuidade com o espírito do Vaticano II e plena comunhão com o Sucessor de Pedro, a quem compete a convocação, aprovação e reconhecimento do mesmo,[5] abra um espaço de diálogo fraterno, sincero e respeitoso das legítimas diferenças,[6] com ampla participação do Povo de Deus sobre todas as questões que afetam positiva ou negativamente a mulher e o homem de hoje. A finalidade última da proposta seria, então, colocar a Igreja e as igrejas, bem como todos os homens e mulheres de boa vontade, em *"processo conciliar"*, isto é, de diálogo, de participação, de assembléia de gente convocada pelo Espírito Divino e pelos sinais dos tempos,[7] e chamada a avaliar a caminhada para encontrar juntos novos caminhos que permitam *atualizar* e *inculturar* a Boa Notícia de Jesus Cristo[8] "o mesmo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8), que continua sendo, também para as pessoas e desafios do nosso tempo "caminho, verdade e vida" (Jo 14,6).

A idéia de um novo Concílio não tem, portanto, absolutamente nada de satânico ou de prevenção, ou de reservas, ou ainda de "armação" contra quem quer que seja. Muito ao contrário, a iniciativa, por muitos considerada dom de Deus e do seu Espírito que sopra quando, como, onde e em quem quer (cf. 1Cor 12,4-6.11), tem-se manifestado de maneira simples e humilde na sensibilidade de corações capazes de ouvir os gritos de aflição do Povo que sofre (cf. Ex 3,7), na busca de respostas concretas e solidárias que contribuam efetivamente para diminuir o drama do sofrimento humano, a fim de que o Evangelho cumpra "toda a justiça" (Mt 3,15), para que, também em nossos dias, Deus seja glorificado naqueles

---

[4] Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 13; Decreto *Ad Gentes*, 11b; Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 29e; 31a.

[5] Cf. *Lumen Gentium*, 22b.

[6] Cf. *Gaudium et Spes*, 43c; 73c; 74b; 92b; João Paulo II. Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 45 e 48d; e, *Tertio Millennio Adveniente*, 19.

[7] Cf. *Gaudium et Spes*, 11a.

[8] Cf. *Ibidem*, 58a.b; Paulo VI. Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 53, 62, 63; Documento de Trabalho em preparação para a III Conferência Episcopal Latino-Americana, 420-423; Puebla, 404; Santo Domingo, 230.

e naquelas que se libertam, mantendo-se de cabeça erguida (cf. Santo Irineu).

2. Uma metamorfose efervescente

"O tempo não pára" (Cazuza).

É inerente à natureza humana a condição de *"ser insatisfeito"*, à procura daquele *"algo mais"* que realize plenamente e cubra de sentido sua existência que oscila entre o Mistério e o absurdo. Esta dinâmica configura, consciente ou inconscientemente, o desejo de libertação total no encontro com o Absoluto que enxugará todas as lágrimas (cf. Ap 7,17; 21,4) e, finalmente, será tudo em todos (cf. 1Cor 15,28).

Muitos foram e são os fatores que historicamente contribuíram para a evolução e aperfeiçoamento da condição humana, tirando o homem do lugar de mero coadjuvante, para devolver-lhe o papel de protagonista, como ser naturalmente vocacionado para a perfeição, com a missão de fecundar a terra (cf. Gn 1,28). É praticamente impossível pensar hoje as relações humanas e sociais, o diálogo intercultural e inter-religioso, o ecumenismo e o "macro-ecumenismo"[9] ou a *evangelização inculturada*, se não considerarmos tais elementos, todos eles decisivos para o conjunto de nossas sociedades e igrejas. Por isso, elegemos propositadamente alguns mais significativos que julgamos relacionados ao nosso tema por sua referência explícita às noções de desenvolvimento humano e social em busca de aprimoramento e felicidade:

2.1. ***Da razão à liberdade.*** É especialmente a partir de Kant (1724-1804), com a aplicação do *"princípio da razão autônoma"* (a razão humana dita suas próprias regras), que temos assistido ao desenrolar de uma situação que, de certo modo, descaracteriza ou desqualifica todo e qualquer tipo de imposição *ad extra*, que se queira exercer arbitrariamente ou que não se deixe submeter aos critérios da razão, uma vez que esta se foi tornando paulatinamente, com o posterior advento da modernidade e pós-modernidade, o supremo juiz. Esta concepção, responsável pela elaboração da auto-suficiência, contribuiu ainda para substituir, em determinado momento da história, o tradicional ideário do "teocentrismo" ou "cristocentrismo" (Deus, Cristo no centro) pelo antropocentrismo, supervalorizando o homem como o grande – e único? – artífice do universo!

2.2. ***Caminho aberto.*** Em linha de continuidade e afinado com o projeto de emancipação humana, aparece no novo cenário agora mais propício o *existencialismo*,[10] contrapondo-se energicamente à medieval filosofia tomista, que troca o conceito de *essência* pelo de *existência*. Ou seja, o homem *não é*. O homem *existe*. Não é, portanto, ser pronto, acabado, pré-moldado, predestinado, que morrerá exatamente como nasceu, sem construir ou evoluir. Mas, ao contrário, o homem é projeto (*pro-iectare*) que se lança para frente, para o futuro; é *dasein* que muda constantemente, cresce, amadurece, evolui, renova suas opções, constrói-se a si mesmo e modifica todos os dias no

[9] Expressão que nos últimos anos vem sendo usada por muitos e incorporada ao ecumenismo para torná-lo amplo e inclusivo de todos, também das irmãs e irmãos ateus e agnósticos, ou de quem, por seu modo de pensar e sua conduta de vida, seja direta ou indiretamente discriminado por cristãos e pelas igrejas.

[10] Heidegger, 1889-1976; Kierkegaard, 1813-1855; Sartre, 1905-1980.

emaranhado das relações humanas e sociais em que vive mergulhado. Sente-se, assim, responsável, livre e independente para desenhar o seu próprio destino.

2.3. ***Verdade e humildade.*** Nesta trajetória, o conceito de verdade também sofrerá sua reformulação, exigindo de todos quantos a buscam com sinceridade uma nova postura de maior abertura e mais humilde: "da verdade ninguém é dono; todos somos intérpretes" (Carlos Mesters). Decorre daí que a verdade não se imponha pela força,[11] mas pela capacidade de dialogar,[12] de ouvir e acolher a verdade do outro, de respeitar e valorizar quem pensa e faz diferente, de discutir, trocar e escolher livremente o caminho que conduz à Verdade que liberta (cf. Jo 8,32), na certeza que "de verdade em verdade, podeis ir até Deus, verdade das verdades" (Bossuet).

2.4. ***A primazia do prazer.*** Devemos originariamente a Freud (1856-1939), a noção de *sexualidade* que, na experiência como na teoria psicanalíticas não designa apenas os atos sexuais (coito), mas toda uma série de excitações e atividades presentes desde a infância, que proporcionam prazer e satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, sede, função de excreção etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada "forma normal do amor sexual". Sem deixar de incluir a dimensão carnal (sexual, propriamente dita), a sexualidade, ao mesmo tempo em que a envolve, também a ultrapassa, na busca do prazer total e absoluto que se manifesta em todos os ramos da atividade humana, no anseio por realização e felicidade: encontro, conversa, amizade, pacto, amor, paixão, carinho, afeto, abraço, beijo, trabalho, cultura, arte, comida, bebida etc.

2.5. ***O clamor das classes subalternas.*** São, sem sombra de dúvida, singulares as contribuições de Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) para as teorias que se referem aos modos de produção na relação força de trabalho-capital no sistema capitalista. Não obstante, em Jesus de Nazaré, há 2 mil anos, já encontramos uma preocupação e atenção especial às classes oprimidas e exploradas, denunciando, com veemência a ganância dos ricos contra a miséria dos empobrecidos (cf. Lc 6,20-26). Um texto revelador é o de Mt 20,1-15, onde a capacidade (força e tempo) de trabalho já não aparece submetida ao lucro, ao capital: ao final de uma jornada de trabalho, todos os operários, independentemente do tempo que trabalharam e, portanto, do que produziram, ganham a mesma quantia. Na verdade Jesus inverte a (des)ordem estabelecida e denuncia os mecanismos opressores de uma sociedade que valoriza o ser humano pelo que tem e pode oferecer, para *humanizar as relações trabalhistas* e mostrar que a pessoa vale pelo que é, ainda que só possa oferecer o que lhe permite seus limites. É nesta ótica eminentemente evangélica que se anuncia o "irromper dos pobres como sujeitos de libertação" (G. Gutiérrez): trabalhadores, camponeses, índios, negros, mulheres etc. abrem os olhos, os ouvidos e a boca, e tomam consciência da realidade que se caracteriza "por fenômenos maciços de marginalidade, aliena-

[11] Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II. Declaração *Dignitatis Humanae*, 1c.

[12] Id. *Ibidem*, 3b.

ção e pobreza, e condicionada...por estruturas de dependência econômica, política e cultural em relação às metrópoles industrializadas que detêm o monopólio da tecnologia e da ciência".[13] Esta consciência crítica e coletiva do neocolonialismo, bem como do imperialismo enquanto forma superior e mais acabada do capitalismo, comprometerá as classes populares subalternas na luta contra as ditaduras localizadas e pela libertação integral de todo e qualquer totalitarismo, venha de onde ou de quem vier.

2.6. ***A autoridade posta à prova.*** No mundo que se nos apresenta tal como está aí hoje: globalizado, inter-relacionado e com um conjunto de "barracas que disputam a mesma feira", um dos questionamentos que aparecem é o da *autoridade*, conseqüência, por um lado, do anseio de liberdade ampla, total e irrestrita e, por outro, da confusão que se estabeleceu entre autoridade e *autoritarismo*. Um desafio que já se manifesta no seio da própria família, onde adolescentes, jovens e até crianças, desde a mais tenra idade, colocam em xeque ou pelo menos tentam "negociar" a autoridade dos pais. Ampliando para as relações interpessoais e sociais, e tendo em conta os itens precedentes, não é difícil chegar à conclusão de que o atual quadro de desenvolvimento humano, racional, cultural, tecnológico etc., exige uma revisão profunda do conceito de autoridade que busque integrar os diversificados processos de diálogo, co-participação, envolvimento, criatividade, afetividade, troca de experiências e de saberes etc., para que *todos* indistintamente se sintam e sejam, de fato, protagonistas da história que nos toca escrever.

2.7. ***Uma "nova era" do Espírito?*** Não é difícil constatar por toda parte, em nossos dias, o que alguns têm denominado *"renascimento do homem espiritual"* nos seus mais diversos aspectos e dimensões: crescimento acelerado e progressivo da busca de aproximação e experiência do sagrado; multiplicação e fermentação de grupos religiosos autônomos; manifestações privadas ou públicas de "transes" cognominados "espirituais"; propagandas alusivas ao nome de Jesus, Maria, os santos, o terço, difundidas em carros, caminhões, praças etc., etc. Toda esta carga emotiva que preferimos chamar de *espiritualismo* para diferenciar de *espiritualidade*, parece ser o resultado da conjugação de alguns fatores importantes, entre os quais salientamos:

a) a miséria, a fome, a exclusão, o desemprego etc., que geram insegurança e medo, obrigando, sobretudo, as populações carentes a apelar para o sagrado como instância derradeira, à espera da intervenção mágica de Deus que, em algum momento aparecerá como "o salvador da pátria" e realizará o "o milagre", mudando para melhor as condições de vida do Povo;

[13] II Conferência do Episcopado Latino-Americano. Medellín, 10,2; cf. Paulo VI. Carta encíclica *Populorum Progressio*, 19, 26, 57, 59...João XXIII. Carta encíclica *Mater et Magistra*, onde se lê: "...a retribuição do trabalho, assim como não pode ser inteiramente abandonada às leis do mercado, também não pode fixar-se arbitrariamente; há de estabelecer-se segundo a justiça e a eqüidade. É necessário que aos trabalhadores se dê um salário que lhes proporcione um nível de vida verdadeiramente humano e lhes permita enfrentar com dignidade as responsabilidades familiares" (nº 68). Neste sentido, é igualmente contundente o magistério social de João Paulo II, expresso, sobretudo, na *Laborem Exercens* e *Sollicitudo Rei Socialis*.

b) decepção com as muitas organizações políticas e partidárias sem programa ou projeto que encaminhe, na prática, as grandes causas populares, levando, em geral, o Povo simples a acreditar que só Deus, a reza, os santos, podem dar um jeito na situação;
c) uma vivência intimista, *"privatizada"* da fé que encontra sua correlação no sistema capitalista globalizado, com a exaltação do individualismo na satisfação das necessidades pessoais em detrimento dos imperativos da coletividade;
d) por fim, este modo *sui generis* de viver a fé implicará, por conseguinte, no desconhecimento, indiferença e/ou inexperiência em relação a Deus e seu Projeto; Jesus será visto e experimentado apenas unilateralmente como "doce", "amável", "bondoso" etc.: um Cristo sem conflitos (contra o que prescreve, p.ex., Mt 23 ou Lc 21,13-19), sem cruz (contra o que prescreve Lc 9,23; 14,27), sem reino (contra o que prescreve Mt 12,28; 13) e sem evangelho (contra o que prescreve Mc 1,15), que nunca enfrentou o poder do mal, que nunca se indispôs com ninguém, que pura e simplesmente abençoou o *status quo* da sociedade e da sinagoga do seu tempo. Caberá, então, a pergunta: A quem (pessoas) e a quê (instituições) interessa esse Jesus?

3. Um salto de qualidade

"Examinem tudo e fiquem com o que é bom" (1Ts 5,21).

A. Distinguir para não confundir

Aqui convém começar lembrando que a confusão de conceitos pode gerar práticas distorcidas e incoerentes do ponto de vista da fidelidade à *mensagem transmitida*. Diferencia-se, por exemplo, essencialmente, *Tradição* e *tradicionalismo*. A Tradição é coisa boa, tratando-se das raízes da nossa fé expressas na comunhão com Jesus e seu projeto, depois confirmada pelos apóstolos e apóstolas na ação evangelizadora das comunidades da "primeira hora", que não hesitaram em abrir-se ao Espírito e, diante de cada novo desafio, "reinventar" criativamente a Igreja, oferecendo respostas adequadas à realidade e aos sinais dos tempos (cf., p. ex., Atos dos Apóstolos).[14] Já o tradicionalismo é apego intransigente e inflexível ao passado que não admite o novo, a alternativa, a atualização, a inculturação etc. Na mentalidade e na prática do tradicionalista tudo se passa como se fosse possível fazer uma *cirurgia plástica* no rosto da história e transplantar o passado para o presente, de sorte que a conclusão a que se chega é a da *involução;* ou, em sentido inverso, coincidindo com a teoria do "eterno retorno" dos filósofos antigos,[15] mais tarde reto-

[14] Traduzido em nossos dias, poderíamos dizer assim: estamos diante de novos e múltiplos desafios e questionamentos que não existiram no tempo de Jesus, nem quando da realização do Vaticano II: bebê de proveta, transplantes, clonagem, divórcio, gravidez precoce, dependência química, tecnologia de vanguarda, globalização, desemprego, exclusão etc. etc. Nossa pergunta será, então: Como Jesus e seus apóstolos e apóstolas, guiados que eram pela liberdade e criatividade do Espírito, responderiam a esta realidade complexa? Como seria sua presença para fermentar a massa com o fermento bom do Evangelho? Seria uma presença meramente moralista, preconceituosa e excludente ou, ao contrário, seria uma presença ética e libertadora de todas as prisões?

[15] Heráclito, ± 504 a.C; Pitágoras, ± 530 a.C; e os estóicos.

mada por Nietzsche, é o presente que volta ao passado, de modo que o universo repassa sempre, ao cabo de milênios, pelas mesmas fases. Uma teoria comprovadamente equivocada porque redutora, estreita, estática, que desconhece, por um lado, as leis naturais no desenvolvimento dos processos históricos e, por outro, atenta contra a própria fé e a teologia, uma vez que desde a criação (cf. Gn 1), o Criador cria e recria, muda todos os dias, transforma e evolui, fazendo do homem e da mulher, criados à sua imagem e semelhança, seus mais competentes cocriadores que darão continuidade à sua obra na mesma dinâmica criadora e criativa.

Eis porque parece claro que quem opta hoje pelo conservadorismo, no apego saudosista ao passado, além de correr alguns riscos no campo da realização humana, pode ainda comprometer gravemente a presença e a credibilidade do Evangelho e do cristianismo na história. Quem desconhece ou menospreza as leis da evolução e decide marchar alheio – e até contra – à história, rompe a comunhão natural com o Criador e a Humanidade peregrina, isola-se e, no isolamento se frustra porque, tendo chegado aonde chegamos, ninguém pode fugir desta verdade: "nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia" (Tim Maia). No que concerne propriamente à religião, para não se tornar ópio como denunciava Marx (seguido por Feuerbach, Nietzsche e outros), nem "neurose coletiva" (Freud), deve acompanhar os sinais dos tempos como verdadeiro *kairós* do Deus cristão que sempre se manifestou (do Gênesis ao Apocalipse) e continua a manifestar-se nos acontecimentos e na história real que evolui todos os dias. Responder, portanto, aos desafios, por mais inusitados e ousados que possam parecer, na preocupação para que o Evangelho seja inculturado conforme a diversidade das realidades, situações e culturas, significará, em última instância, assumir e perpetuar o verdadeiro sentido da missão que é simultaneamente dinâmico e atual: "Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade" (Mc 16,15; cf. Mt 28,19 e At 1,8).

B. O enfoque conciliar

O Concílio Ecumênico Vaticano II tornou-se modelo e referência ao enfrentar todos os riscos da época e responder aos desafios especialmente advindos da 2ª Guerra, profetizando e assumindo com determinação esta atitude de fundamental abertura ao inusitado, para inculturar a palavra e o projeto de Deus na história. Entre as "viradas" promovidas pelo Concílio que mais se propuseram a *religar* (objetivo da *religião*) a atividade pastoral da Igreja com o mundo contemporâneo e seus anelos de justiça e libertação, destacamos:

a) A *superação do "eclesiocentrismo"*,[16] na correta articulação *Reino-Mundo-Igreja* que, precisamente nesta ordem, sublinhará a predominância do *Reino de Deus* que deve ser construído no Mundo com o serviço (mediação) da Igreja (sacramento, sinal, instrumento). Decorre daí que não coaduna com a missão da Igreja nem o *narcisismo* nem a *prepotência*, ou seja, ela não se anuncia a si mesma, nem está no mundo em função de seus próprios interesses, mas é a *humilde servidora* e mediadora de uma realidade que é maior e mais importante do que ela:

[16] Cf. *Lumen Gentium*, 3 e 5.

"A Igreja, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade".[17]

b) A *Igreja configurada como Povo de Deus*,[18] Povo da Nova Aliança estabelecida por Cristo e selada com seu sangue, a caminho da libertação, que não se restringe nem foi confiada somente a padres e bispos, mas a *todos os batizados e batizadas* –"raça eleita, sacerdócio régio, nação santa" (1Pd 2,9)–, uma vez que Cristo continua exercendo sua ação profética no mundo "não apenas pela hierarquia, que ensina em seu nome e com seu poder, mas também através dos leigos", aos quais "muniu com o senso da fé e com a graça da Palavra".[19] Esta *dignidade* e *igualdade* fundamentais conferidas pelo batismo dissipam toda tentação de discriminação e exclusão, fazendo de *todo o Povo de Deus* filhos e filhas do mesmo Pai e, portanto, irmãos e irmãs, "em cujos corações habita o Espírito Santo"[20] que não é propriedade de alguns privilegiados, mas do "conjunto dos fiéis"[21] que são plenamente responsáveis – respeitados direitos e deveres – de toda a ação missionária da Igreja:

"Como participantes do múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei, os leigos participam ativamente na vida e na ação da Igreja. No interior das comunidades da Igreja sua ação é tão necessária que sem ela o próprio apostolado dos pastores não poderia, muitas vezes, alcançar o seu pleno efeito".[22]

c) A *abertura para o mundo*[23] no diálogo com o diferente expresso nas culturas, religiões, sexos, filosofias de vida, reconhecendo a necessidade e oportunidade de ampliar e consolidar todos os contatos que estiverem ao seu alcance para realizar a missão *ad gentes*:

"Onde quer que Deus abra uma porta à palavra para proclamar o mistério de Cristo a todos os homens, com confiança e sem cessar anuncie-se o Deus vivo e Aquele que enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo...'o caminho, a verdade e a vida' (Jo 14,6)".[24]

d) A *solidariedade com a Humanidade peregrina* na certeza de que Jesus continua caminhando com os homens e as mulheres do nosso tempo em todos aqueles e aquelas que o reconhecem na alegria

---

[17] *Gaudium et Spes*, 45; cf. *Evangelii Nuntiandi*, 8.

[18] Cf. *Lumen Gentium*, 9ss.

[19] Id. *Ibidem*, 31a; 35a; Constituição Dogmática *Dei Verbum*, 10a.

[20] *Lumen Gentium*, 9b. Cf. João Paulo II. Carta encíclica *Dominum et Vivificantem*, 64.

[21] *Ibidem*, 12a. Observe-se que na *Novo Millennio Ineunte* o Papa João Paulo II se refere a São Bento que convida o abade do mosteiro a consultar também os mais novos: "É freqüente o Senhor inspirar a um mais jovem um parecer melhor", e a São Paulino de Nola que lembra: **"Dependemos dos lábios de todos os fiéis, pois o Espírito de Deus sopra em cada fiel"** (nº 45b; o grifo é nosso).

[22] *Apostolicam Actuositatem*, 10a.

[23] Cf. a já citada *Gaudium et Spes*, que trata especialmente do tema.

[24] *Ad Gentes*, 13a.

e felicidade da partilha (cf. Lc 24,13ss), na promoção dos empobrecidos e na libertação dos oprimidos (cf. Mt 11,2-6; Lc 4,18-21), para que Deus seja aceito e amado como Pai de todos:

> *"As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo".*[25]

e) A *recusa da "guerra fria"* para apoiar e incentivar o desarmamento e garantir a coexistência pacífica entre Estados de distinto caráter social,[26] na promoção e respeito ao direito internacional e à autodeterminação dos povos:

> *"Por isso, mais uma vez deve ser declarado: a corrida armamentista é a praga mais grave da humanidade, que lesa intoleravelmente os pobres".*[27]

f) A *renúncia à política de exclusão* de quem pensa e age diferente, para integrar, incluir e fomentar a participação na diversidade de agrupações, correntes e opiniões no seio da Igreja Católica:[28]

> *... "Que promovamos no seio da própria Igreja a mútua estima, respeito e concórdia, admitindo toda a diversidade legítima, para que se estabeleça um diálogo cada vez mais frutífero entre todos os que constituem o único Povo de Deus, sejam os pastores, sejam os demais cristãos".*[29]

A seu tempo, o II Concílio do Vaticano respondeu aos sinais dos tempos, avançando "para águas mais profundas" (Lc 5,4) e estabeleceu o estatuto de uma espiritualidade sadia, deixando-nos um legado que se constitui desafio e compromisso: Quem ama verdadeiramente conhece, sabe e experimenta a eficácia do provérbio francês: *"Chaque jour l'amour change de visage"*.[30] Os cristãos, seguidores de Jesus, mulheres e homens de Deus, ungidos pelo Espírito que, desde as origens, manifesta todo o seu vigor na liberdade criadora e criativa, com muito mais e maior convicção deveriam professar o *"credo do Novo"* como notícia boa, alegre, inovadora, transformadora, entusiasta, que rejuvenesce os espíritos para que, no mesmo Espírito, que adora variar, tudo e todos, a Criação e a Humanidade, experimentem, a cada novo dia, a força e vitalidade da palavra ousada que sai da boca de Deus,

---

25 *Gaudium et Spes*, 1. Também o Sínodo dos Bispos sobre *A Justiça no Mundo* (1971) fazia-se porta-voz deste clamor: "A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja em prol da redenção e da libertação do gênero humano de todas as situações opressivas" (nº 6).

26 Cf. *Gaudium et Spes*, 81-82.

27 *Ibidem*, 81c. Cf. João XXIII. Carta encíclica *Pacem in Terris*, onde o Papa está convencido "de que as eventuais controvérsias entre os povos devem ser dirimidas com negociações e não com armas" (nº 126).

28 Cf. *Gaudium et Spes*, 43d; 73c; 92.

29 *Ibidem*, 92b.

30 A cada dia o amor aparece com um rosto novo.

comprometendo para a mesma ação todos os seus filhos e filhas: "Eis que faço novas todas as coisas!" (Ap 21,5).

4. Ainda a reformulação de conceitos: autoridade e autoritarismo

"Eu estou no meio de vocês como aquele que serve" (Lc 22,27).

A. Do "poder-domínio" ao "poder-serviço"

Uma das questões mais cruciais que hoje se impõe tanto para a sociedade como para a Igreja –e as igrejas– é a do *poder* que, deturpado e mal administrado, traz consigo resquícios obsoletos de maquiavelismo. A experiência negativa e autoritarista do exercício do poder tem colaborado, não raro, para a frustração pessoal e coletiva (haja vista a postura de certas "esquerdas" que ocuparam o poder.), endossando a confissão tragicamente realista de Elias Canetti: "Eu nunca teria chegado a conhecer o poder se não o tivesse praticado e se não me tivesse tornado vítima de minha própria prática de poder. Assim, o poder é triplamente familiar para mim: eu o observei, eu o pratiquei, eu o sofri".[31]

A tradição bíblica parece desconhecer tanto no Antigo (cf. Ex 18; Jz 20; 1Mc 8,1-16...) como no Novo Testamento (cf. Mt 20,17-28 e pars. Mc 10,32-45; Lc 22,24-28; At 6,1-7...) a acepção de poder na forma de autoritarismo. Ao contrário, nos textos citados e em tantos outros, o poder aparece nas suas múltiplas faces que substituem a tentação de dominar pela humanização das relações na descentralização, participação, representatividade em assembléias, colegialidade, busca de consenso etc. Não nega o lugar e o valor da autoridade que, em essência, difere do autoritarismo: autoritário é quem se disfarça de autoridade para tornar-se dono da verdade, sobrepor-se aos demais e fazer valer suas idéias e princípios como único caminho de salvação; em contrapartida, autoridade é quem se reveste de humildade e comunga no diálogo franco e aberto com todos, sem excluir ninguém, na busca comum de caminhos que apressem o dia da justiça e da libertação para todos sem exceção. Quem exerce o poder com sabedoria e como serviço aos demais sabe que, como Jesus, haverá momentos em que deverá ensinar com autoridade (cf. Mt 7,29), especialmente quando for para defender as ovelhas dos lobos (cf. Jo 10,7-15), para garantir a fraternidade sem privilegiados (Mt 23,8), para dar preferência aos pobres e oprimidos (Lc 10,21), para fazer cumprir a meta da unidade (cf. Jo 17,21) na comunhão com o projeto de Deus e a construção do seu Reino...

B. "Quem não vive pra servir, não serve pra viver"

Conseqüentemente, em perspectiva neotestamentária, vale lembrar que *autoridade* está intimamente associada à *capacidade de servir*: "o maior de vocês deve ser aquele que serve" (Mt 23,11). Esta atitude fundamental do discípulo e da discípula configurará o quadro de *carismas* e *ministérios*, com a responsabilidade de *atuar no mundo* para *transformar as realidades* à

[31] Citado por Roberto Freire. *Ame e dê* vexame. Rio de Janeiro, 1990, 8. Evidentemente, todo poder que faz vítimas e/ou sofridos não tem nenhum fundamento humano ou cristão.

luz da Palavra de Deus. Daí algumas intuições que podem contribuir para compreender e assumir a *ministerialidade* eclesial na ótica do serviço à organização e libertação de todo o Povo de Deus:

a) Cristãos e cristãs respondem fielmente à sua *vocação de servir* quando se tornam mulheres e homens em profunda sintonia e comunhão com o *Deus da Vida*, sem esquecer nem deixar à margem, na luta de cada dia, os *pobres e excluídos* (cf. At 6,1), que precisam e, por isso, devem ser servidos.[32]

b) A fundamentação do *ministério* como *serviço*[33] que deve superar toda tentação de poder provém da eleição dos *diáconos* (servidores) em Atos dos Apóstolos, toda ela guiada pelo Espírito Santo (cf. 6,3.5) que, citado aí 57 vezes, é o verdadeiro e grande protagonista da ação evangelizadora de toda a Igreja; os eleitos para exercer a *diaconia* serão apenas dóceis instrumentos nas mãos do Espírito, a serviço do Evangelho, para que a Boa Nova de Deus chegue a todos, sem prejuízo de ninguém.

c) Os ministérios são fruto de *iniciativas criativas* dos discípulos e discípulas de Jesus que, movidos pelo Espírito, procuram responder aos desafios concretos e emergentes da comunidade/humanidade;[34] para quem tenha, porventura, parado no tempo, é bom recordar que o Espírito de Deus, criador e criativo, não pára nunca e está sempre exigindo que *avancemos para águas mais profundas* (cf. Lc 5,4), o que nos obriga a ousar novas opções, novos caminhos, novas práticas, novos ministérios.

d) A *comum dignidade* e *legítima diversidade*[35] dos dons que todos recebemos do mesmo Espírito elimina a desigualdade[36] e vontade de poder, e sustenta a *igualdade fundamental* dos carismas, desenvolvida com maestria pelo apóstolo Paulo: "Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos" (1Cor 12,4-6; cf. Gl 3,28; Cl 3,11).

e) Os ministérios não são privilégio somente de homens, pois a comunidade de Lucas (Evangelho e Atos), também conhecido como o "evangelista das mulheres" (8,1-3; cf. Mc 15,40.41), testemunha a *presença feminina* no seguimento de Jesus; João 4 relata o episódio da samaritana que se tornou discípula e evangelizadora; Atos narra o protagonismo das mulheres que ocupam lugar de destaque não só na missão de evangelizar, como também nas instâncias de organização e deci-

---

[32] Cf. *Apostolicam Actuositatem*, 8c.d. Uma reflexão relevante neste sentido é a de SCHILLEBEECKX, E. Ministérios na Igreja dos Pobres. *Concilium* 196 (1984) 127-139.

[33] Cf. *Ad Gentes*, 15; Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 6b.

[34] Cf. *Gaudium et Spes*, 4a. Veja também a nota 14 do presente trabalho.

[35] Cf. *Lumen Gentium*, 32c.

[36] Cf. *Ibidem*, 32b. O Concílio acentua a dimensão evangélica da fraternidade que é essencialmente constitutiva de *todo o Povo de Deus* –leigos e pastores– (cf. *Presbyterorum Ordinis*, 9), chegando a aconselhar claramente que "o Bispo não se exalte contra os diáconos ou Presbíteros, nem os Presbíteros contra o povo" (nota 52 do mesmo nº 9).

são da comunidade (cf. 1,14; 9,36; 12,12.13; 16,13-15.40; 17,4.12.34; 18,2; 21,5.9); e, as cartas paulinas (cf. Fl 4,2.3) já reconhecem mulheres *ministras* e *apóstolas*, como é o caso de Febe (Rm 16,1-2) e Júnia (Rm 16,7), dados fundamentados na prática de Jesus e dos apóstolos que, por isso, desautorizam a discriminação das mulheres em relação aos homens[37] e a qualquer quadro ministerial.

f) Por fim, no envio dos 72, *dois a dois* (cf. Lc 10), ou na ação missionária da comunidade primitiva, ou na atividade apostólica de Paulo e seus colaboradores, transparece clara a dimensão de *colegialidade da missão*, onde o poder (de reflexão, decisão, ação) não se concentra nas mãos de uma única pessoa, mas é partilhado em vista da qualidade do serviço e da corresponsabilidade eclesial; este modo de agir comunitário e participativo também desautoriza qualquer tendência à presunção, à prepotência ou ao centralismo, que podem comprometer seriamente a eficácia dos ministérios a serviço da evangelização e transformação do mundo.[38]

5. Conclusão: para onde o Espírito nos quer conduzir?

"Vou fazer o sopro da vida entrar de novo em vocês, para assim retornarem à vida" (Ez 37,5.6).

Não há como negar na atual conjuntura local, regional ou mundial que a humanidade e o planeta respiram um clima de profunda tensão e mal-estar, onde a esperança e perspectiva de futuro têm cedido lugar à insegurança, ao medo e à morte, conseqüência do desemprego, da miséria e da fome, da violência, da submissão às políticas neocolonialistas e imperialistas, das guerras que continuam exterminando vítimas pobres, indefesas e inocentes, irresponsavelmente subestimadas e negociadas no mercado paralelo norte-americano por dólar e petróleo. Toda esta situação existencial representa ameaça que repercute de forma direta, objetiva e negativa na vida dos cristãos e cristãs – e das igrejas –, que quando não encontram respostas evangélicas e corajosas (boas notícias) para o drama humano e social, tendem à vulnerabilidade expressa na desconfiança, no desespero, na decepção e no arrefecimento da fé, com a perda do entusiasmo do "primeiro amor" (cf. Ap 2,4).

É neste contexto, por certo preocupante e desafiante, mas ao mesmo tempo rico e promissor, porque continuamos acreditando que "o deserto é fértil", que se inscreve o sonho de um novo Concílio Ecumênico como *resposta generosa* do Povo cristão à *proposta amorosa* e sempre atual do Deus da Vida que, pela ação e força inovadora do seu Espírito, convida-nos incessantemente a transformar *Babel* (cf. Gn 11,1-9) em *Pentecostes* (cf. At 2,1-11), para defender vida nova e digna para todos (cf. Jo 10,10).

Em *Atos dos Apóstolos* encontramos o perfil das *comunidades primitivas* que souberam aproveitar precisamente dos grandes desafios da época para *atuali-*

[37] Cf. *Gaudium et Spes*, 29.

[38] Cf. *Ibidem*, 31.

zar e *inculturar* o Evangelho como Boa Notícia (nova, alegre, entusiasta, diferente, comprometida...) que une e reúne os crucificados pelo império na esperança e promessa do Ressuscitado – "Estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo!" (Mt 28,20b; cf. Jo 16,33b) –, que é estímulo e coragem para construir, na força daquele que venceu o poder do mal e da morte, "um novo céu e uma nova terra" (Ap 21,1). Se estivermos de acordo que *"mensagem ouvida, mensagem atualizada, mensagem vivida"*, então esta atividade missionária dos primeiros discípulos e discípulas de Jesus sugere algumas pistas importantes que podem contribuir efetivamente para a conversão da Igreja – e das igrejas –, instaurando um processo amplo de diálogo aberto e corajoso com vistas a inculturar a atividade missionária dos cristãos e cristãs do terceiro milênio. Assim, lembramos, entre outras:

- a *superação do individualismo*, autoritarismo, arrogância, para aderir à fraternidade e solidariedade, onde todos vão buscar a fonte de uma espiritualidade sadia no "ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações" (At 2,42);
- a *humildade* de quem sabe que não sabe tudo (cf. At 34,9-17) e não é dono da verdade nem da situação e, por isso mesmo, precisa confrontar-se com os demais;
- a *abertura de espírito*, de coração e de mente para tudo e para todos, despindo-se dos preconceitos (cf. At 10,28.44-48) que excluem, para abraçar a fraternidade que liberta, inclui e revela "que Deus não faz diferença entre as pessoas" (At 10,34);
- a *aceitação e respeito* pelas opiniões de quem pensa diferente (cf. At 15), acatando os acordos (consenso) da maioria;
- o *trabalho em co-laboração* (colegiado) na divisão das tarefas (cf. At 6,1-7), que gera comunhão, participação e corresponsabilidade;
- a *coragem* para enfrentar e vencer as dificuldades e problemas (cf. At 4,29; 14,22) no horizonte do apelo à construção do Reino de Deus (cf. 1Pd 4,19);
- o *envolvimento de todos* que devem se motivar e se mobilizar em torno do Projeto e não de caprichos ou interesses pessoais (cf. os primeiros retratos das comunidades: At 2,42-47; 4,32-37; 5,12-16);
- a defesa incondicional dos *direitos dos pobres* (cf. At 11,27-30) na solidariedade com os que padecem.

A iniciativa que solicita um novo Concílio Ecumênico aparece, pois, em nossos dias, como elemento catalisador desta relação unitária *fé* e *vida*, *proposta de Deus* e *resposta humana*, *Evangelho* e *luta pela justiça*, na transformação das realidades em reino e reinado absoluto de Deus que "põe termo ao mundo atual, que aniquila tudo o que é antidivino, satânico e sob o qual geme atualmente o mundo, e que assim, acabando com toda a miséria e com todo o sofrimento, traz a salvação ao povo de Deus, que aguarda o cumprimento das promessas proféticas".[39]

Pouco antes da eleição de João XXIII, o então secretário do conclave, Monsenhor Bacci, pronunciou um discurso histórico dirigido aos cardeais que se prepa-

[39] BULTMANN, R. Citado por BOFF, L. *Eclesiogênese*. Petrópolis, 1977, 58.

ravam para eleger o novo Papa, durante uma Missa solene na Catedral de São Pedro. Transcrevemos parte de sua fala que significou, na época, simultaneamente, *atualização do ministério de Pedro*, da *missão dos cristãos no mundo* e da *inculturação do Evangelho*:

> *"O novo Papa deverá ser respectivamente mestre, pastor e pai. Em primeiro lugar deverá considerar os bispos como seus assistentes na condução da Igreja; deverá aconselhá-los, escutá-los e animá-los. Seu coração deverá estar impregnado de amor pelos que não têm alimento ou moradia. Participará, como fazia Jesus Cristo, da sorte dos pobres e também dos que sofrem privações e, às vezes, miséria. Protegerá, por todos os meios que estiverem ao seu alcance, os direitos dos trabalhadores, confirmados de uma maneira tão solene por seus predecessores em muitas encíclicas, uma vez que seria infinitamente perigoso deixar de realizar na prática, e em toda a sua plenitude, a Doutrina Social da Igreja".*[40]

"O meu Espírito conduz quem ouve a voz do Filho meu" – cantam nossas comunidades (cf. Lc 9,35). Jesus continua sendo também hoje o referencial máximo que, deixando-se conduzir pelo Espírito de Deus, diante de todos os projetos de reforma para melhorar ou adaptar o que já existia, escolheu a *alternativa*, partindo do zero e oferecendo um modelo totalmente original e novo: da comunidade que se une e se organiza para superar as contradições sociais (cf. Mc 6,30-44); do programa de vida expresso na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,18.19) ou nas bem-aventuranças (Mt 5,1ss), que proclama felizes os pobres e os que com eles trabalham pela justiça; e, do serviço a todos, indiscriminadamente, como atitude evangélica fundamental (cf. Jo 13,1ss).[41] Esta parece ser igualmente a mística que motivou e sustentou a vida de tantos irmãos e irmãs que entregaram suas vidas no passado e no presente: *Francisco, Clara, Antônio, Teresa de Ávila, João XXIII, Oscar Romero, Margarida Alves, Chico Mendes* e tantos outros que nos interpelam e nos impelem a ser, também em nosso tempo, "ousados e re-

[40] Citado por GRIGULÉVICH, I. *El papado siglo XX*. Moscou, 1982, 186. É praticamente unânime a opinião segundo a qual a Igreja Católica sobressai na produção de riquíssimos documentos que, do ponto de vista da teoria, estão em perfeita sintonia com os sinais dos tempos. Quando se trata, porém, de levá-los à instância da prática, então nos encontramos com as reticências manifestadas das mais diversas formas: insegurança, medo, ambigüidade, comodismo etc. Aqui é especialmente profética a advertência de Mons. Bacci: **"Seria infinitamente perigoso deixar de realizar na prática, e em toda a sua plenitude, a Doutrina Social da Igreja"**. Cf. Paulo VI. Carta apostólica *Octogesima Adveniens*, 42. A propósito do "ministério de Pedro": reflexão, aprofundamento, revisão etc., no contexto do que pede o próprio Papa João Paulo II na Carta encíclica *Ut Unum Sint* (88-96), um trabalho muito pertinente em perspectiva ecumênica é o de CHENU, B. Le ministère de Pierre a-t-il un avenir oecuménique? Études 3993 (2003) 213-225.

[41] Cf. CASTILLO, J.M. *La alternativa cristiana*. Salamanca, 1978, um trabalho que traz uma boa síntese da atualização da mensagem e da práxis cristã.

verentes", abertos aos grandes desafios e solidários com o sofrimento humano, firmes, fiéis e perseverantes, escutando e auscultando o que o Espírito diz às igrejas (cf. Ap 2,7), até que raie o dia da libertação, quando a estrela da manhã brilhar em todos os corações (cf. 2Pd 1,19). Aí, então, assumindo humildemente nossa missão de "profetas do novo milênio" na promoção do diálogo, na defesa da vida e na edificação da nossa casa comum, poderemos cantar a alegria da Humanidade libertada pelo empenho de todos na construção do Reino onde verdadeiramente "não existe satanás".

Carlos C. Santos – Presbítero e assessor das CEBs.
Endereço do autor:
Cx. Postal 491
36001-970 Juiz de Fora MG
Tel./Fax: (32) 3224-7490
E-mail: carloscs@acessa.com

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Na sua comunidade o espírito e os textos do Vaticano II são considerados fonte de inspiração e de dinamização da vida cristã? Em que sentido?
2- Que mudanças provocadas pelo Vaticano II na Igreja e na vida Religiosa são mais perceptíveis e mais implementadas no seu contexto? Quais delas são ignoradas ou rejeitadas?
3- A idéia de um novo concílio lhe parece plausível na Igreja hoje? Por que?

"É inerente à natureza humana a condição de "ser insatisfeito", à procura daquele "algo mais" que realize plenamente e cubra de sentido sua existência que oscila entre o Mistério e o absurdo."

Ética na administração de situações conflitivas

Vicente de Melo, CSsR – Joaquim Parron M., CSsR
Ir. Ivana Migueli, Palotina

Esta temática será abordada a partir da perspectiva interdisciplinar, isto é, da ética social, psicologia e da administração. O intuito é oferecer subsídios concretos para uma prática sadia nas relações administrativas na Vida Religiosa que dê contornos para uma prática eclesial e social enfatizando os elementos éticos na sociedade civil. Da mesma forma, a psicologia moderna oferece elementos fundamentais para que a relação administrativa na Vida Religiosa possa ser sadia e ao mesmo tempo encarnar e semear substrato ético para a sociedade.

A Vida Religiosa, que é um chamado de amor para seguir o Senhor, é em sua essência pautada pela ética profética do Reino anunciado por Jesus Cristo. Por isto, não é de estranhar que a teologia da Vida Religiosa é profundamente pautada por elementos éticos. Mas por outro lado, esta teologia é vivida por pessoas de carne, ossos, sentimentos e espírito. Ninguém vem pronto (a) para Vida Religiosa e ninguém está totalmente preparada para viver integralmente todos os conselhos evangélicos. Nisto se verifica tensões e desafios que surgem na caminhada. Embora esta vida seja marcada de contradições e obstáculos, a Vida Religiosa é sinal de esperança ética para muitos na sociedade.

As tensões, contradições e desafios não podem ser sufocados ou escondidos, mas devem serem enfrentados à luz do dia – a verdade vos libertará, diz o Senhor. Não é novidade para ninguém que o clero católico e alguns religiosos tenham estado envolvidos em sérias denúncias de abuso sexual.[1] Lembramos aqui que abuso sexual é diferente de má conduta sexual. Enquanto má conduta sexual é um religioso ter um relacionamento afetivo com um adulto, abuso sexual é a exploração da pureza e ingenuidade de menores para a satisfação sexual.

Neste estudo vamos tratar das tensões relacionadas com a autoridade, com os conflitos sexuais e afetivos, enfatizando a dimensão da ética civil. Mesmo com tantas contradições, o que é inerente à pessoa humana, a Vida Religiosa pode oferecer à sociedade civil elementos a nível ético.

[1] Parron-Maria, Joaquim, "Igreja e escândalos sexuais: elementos éticos para uma reflexão", REB, 656-664. Gino NASINI, *Um espinho na carne: má conduta e abuso sexual por parte de clérigos da igreja católica do Brasil*, Santuário, Aparecida 2000, p. 166-167. Philip JENKINS, *Pedophiles and priests: anatomy of a contemporary crisis*, Oxford University Press, New York 1996, p. 82. John CORNWELL, *Quebra da fé: o papa, o povo, e o destino do catolicismo*, trad. de Marcos Santarrita, Imago, Rio de Janeiro 2002, p. 156. José L. Martinez fez um estudo introdutório sobre esta temática. Ele também constatou este crescimento entre os clérigos brasileiros. José L. MARTINEZ, *Sexualidade e crescimento na vida sacerdotal e religiosa*, Paulus, São Paulo 2000, p. 28-29.

1. Conflitos e dimensões da ética na vida religiosa

Embora a Igreja sempre tenha enfatizado o lado sacral da Vida Religiosa, hoje cada vez mais a mídia busca desnudar a sacralidade da mesma e mostrar as suas contradições e conflitos. A sociedade vive as suas contradições dialéticas, que são inerentes a qualquer sociedade humana, e esta exige que a Vida Religiosa seja transparente em seu existir. Por outro lado, os (as) candidatos (as) à Vida Religiosa sentem em seu viver este choque no seu cotidiano. A busca da Vida Religiosa, muitas vezes, é motivada por uma busca de servir o próximo e ao mesmo tempo uma santificação pessoal. No entanto, estes (as) candidatos (as) logo descobrem que esta busca é marcada por conflitos, tensões e mesmo contradições humanas que estão presentes no seio da Vida Religiosa. Daí vêm as perguntas: – A vida religiosa está compreendendo as mudanças de paradigmas sociais e administrativos? – A vida religiosa, como instituição, está sabendo administrar os conflitos e tensões internamente e externamente? Assim, este ensaio discute estes elementos, destacando como a ética civil pode ser impregnada neste contexto.

1.1. Mudança de Paradigma em Administração

A Vida Religiosa tem em seu bojo fortes elementos do monaquismo, isto é, a vida monacal determinou e modelou por muitos anos a Vida Religiosa feminina e masculina. No entanto, nós não estamos mais na Idade Média, mas às vezes atuamos como se estivéssemos. Isto fica evidente, freqüentemente, no modo como os religiosos tratam o povo em geral. Nas paróquias eles esperam o povo vir até o centro da comunidade – igreja matriz; nas escolas esperam os alunos entrar no colégio, nos hospitais esperam os enfermos serem trazidos e assim por diante. Claro, existe cada vez mais uma leva de religiosos que buscam a inserção junto aos oprimidos. Mas mesmo esta inserção ainda carece de uma perspectiva administrativa sólida que gere mais vida. Hoje a administração em geral tem um novo paradigma, isto é, administrar é somar talentos.

Uma das características mais valorizadas atualmente nas organizações modernas é a capacidade da pessoa – administrador (a) – de relacionar-se bem com os colegas, trabalhar em equipe e liderar equipes de maneira democrática. Primeiro é ressaltado a dimensão do relacionar bem. Isto exige um equilíbrio emocional e afetivo, que iremos trabalhar no próximo item deste texto. Relacionar bem quer dizer uma clareza e uma afinidade no trato com os colegas. Aqui não há mais espaço para mandos sem explicação ou fazer porque o "chefe" mandou. Aqui exige-se diálogo, concessões mútuas e respeito para atingir os objetivos elencados pelo grupo.

No antigo modelo do "chefe", o administrador sabia do desafio e sabia como superá-lo utilizando apenas a ajuda dos subordinados. O "chefe" usava dos talentos e força da equipe e a equipe apenas executava sem saber, muitas vezes, porque estava realizando tal empreendimento. Assim se expressava a prática do "chefe": "Eu sei o que precisa ser feito, e a melhor maneira de fazê-lo e vou con-

siderar todos os integrantes responsáveis pelas tarefas que eu designar." Já o administrador democrático e moderno tem uma prática diferente: "Acredito que nosso desafio é realmente importante, mas não tenho certeza sobre a melhor forma de superá-lo; por esse motivo, realmente preciso da ajuda, isto é, talento, habilidades, iniciativas e idéias, de todos os integrantes."[2]

Esta mudança de paradigma administrativo poderá produzir um grande impacto na vida religiosa. A vida religiosa ainda é permeada por estruturas que dificultam um participar mais ativo dos membros de uma congregação religiosa. Isto gera muitas vezes um fazer sem saber porque, manifestado em atitudes infantis e dependentes.

Mas por outro lado, infelizmente existe a atitude que vai contra toda experiência de trabalhar em grupo, tentando atingir um objetivo de maneira acéfala. Isto é, pessoas que acham que não necessitam mais da figura do coordenador (a) ou superior. A experiência do "basismo" ou da "acefalia administrativa" já tem mostrado que não produz maturidade na pessoa humana e muito menos atinge um objetivo sério. O grupo humano ainda exige a figura do articulador ou coordenador.

A presença do articulador/coordenador ainda é necessária para uma administração eficaz e efetiva. Embora esta presença seja necessária, é importante destacar que o papel da mesma é diferente e gerido por um novo paradigma administrativo. Alguns elementos são necessários para isto.

Concessões mútuas: tanto o líder do grupo como o grupo têm que aprender a fazer concessões em vista do objetivo do grupo. Ninguém tem a "verdade absoluta" na administração, por isto, aqui não há espaço para o autoritarismo, mas também não há espaço para a "criança chorona", isto é, para pessoas que sempre estão tentando burlar o líder para os seus interesses próprios.

Melhorar a comunicação: a comunicação sempre tem que estar em pauta. É impossível ter um diálogo, se existe uma "agenda escondida" ou se não há clareza nas colocações.

Disposição em trabalhar juntos: não adianta o líder ter a vontade e o desejo de trabalhar em conjunto se os outros membros não estão dispostos a isso. Apenas vai haver um desgaste de energias físicas e mentais.

Motivações evangélicas: a vida religiosa não se resume apenas no "aqui e agora", mas transcende a dimensão material para perseguir a dimensão do Reino de Deus que não se esgota no terreno.

Formação para a competência: a formação acadêmica e religiosa não pode ser improvisada, mas deve ser sistematicamente organizada nas comunidades religiosas. Diante de um mundo cada vez mais exigente e plural, os religiosos devem estar capacitados para exercer com profissionalismo seus ofícios.

Despertar para a cidadania: descobrir que somos seres em relação e não isola-

[2] Jon R. Katzenbach e Douglas K. Smith, *Equipes de Alta Peformance*, Rio de Janeiro, Campus, 2002, p. 167.

dos e que somos responsáveis pela sociedade.

A Vida Religiosa se caracteriza pelo seguimento do Mestre Jesus e isto faz com que esta modalidade de vida tenha sentido. Sem esta definição, a Vida Religiosa poderá sucumbir ao fracasso e entrar num caminho sem êxito. Mas este seguimento é contextualizado numa cultura e numa determinada sociedade. A sociedade moderna vai se definindo por alguns aspectos que não eram importantes, talvez, na Idade Média. Assim, a Vida Religiosa sem perder de vista o núcleo central, que é o seguimento do Cristo, deve cada vez mais especializar-se para ser testemunha ética na sociedade contemporânea. Para isto também se exige uma especialização quanto à administração social e religiosa desta modalidade de vida. A administração, seja do cotidiano ou seja de conflitos determinantes, deve ser eficaz e não improvisada.

1.2. Exigências afetivas na Vida Religiosa

A vida religiosa no passado tinha suas exigências, talvez mais centradas na quantidade de pessoas que a buscavam do que na qualidade das relações humanas. Basta indagarmos Religiosos e Religiosas que estavam nas congregações antes do Concílio Vaticano II. Para a época, parece que o número era um fator de prosperidade e de continuidade da Obra iniciada pelos fundadores.

Olhava-se na candidata e no candidato a sua capacidade de submissão e o quanto tempo permanecia na capela. Este parecia ser um critério bastante comum nas Congregações. Pouco ou quase nada se preocupava com a vida afetiva e as relações humanas. As estruturas eram bastante firmes e rígidas, cumprir normas e viver a uniformidade era um sinal de vocação.

As relações eram niveladas, as necessidades reprimidas, os desejos não podiam ser manifestados, e a "vontade do superior ou da superiora era a vontade de Deus", sem muitas vezes passar por um questionamento e discernimento. Assim, por muitos e muitos anos foram vivendo. Mas, quanto sofrimento sem sentido, quantas vidas frustradas e não compreendidas!

Graças ao Concílio Vaticano II, iniciou-se um jeito diferente de olhar para a vida religiosa. Começa-se a perceber a pessoa no seu todo, como um ser bio-psiquico-socio-espiritual. Parece um olhar à condição dos limites e potencialidades. Este Religioso, esta Religiosa é um ser que merece ser valorizado, resgatado, integrado, um ser onde o fluxo de vida é canalizado para o transcender-se, indo em direção ao seu semelhante, ao meio e a Deus.

Se no passado, a conformação com a realidade se dava de forma um tanto passiva, hoje os tempos são outros. Os desafios que a Vida Religiosa encontra são muitos. Mudanças bruscas na tecnologia, nos meios de comunicação que vendem seu produto sem avaliar as conseqüências, as quais podem ser desastrosas em muitos casos, e o domínio do neo-liberalismo com sua ideologia.

Há novos paradigmas como modelos a serem seguidos. E é dentro deste contexto que a Vida Religiosa encontra seus desafios, pois é no seio das famílias de hoje que estão surgindo novas vocações. Fa-

mílias que enfrentam muitas dificuldades para sobreviverem. As relações são afetadas, gerando assim, pessoas com estruturas frágeis, vulneráveis, indecisas, carentes de um lado e, por outro, a Vida Religiosa com suas exigências e valores firmes. Parece que a realidade nos mostra um profundo abismo entre uma coisa e outra, mas Deus continua a chamar pessoas para segui-lo. Isto vem demonstrando que necessitamos, com urgência, criar novas formas de ajuda para as pessoas que desejam viver na Vida Religiosa, pois não é possível continuarmos neste marasmo pacato, ou em rebeldias e descontentamentos, onde a Vida Religiosa perde o seu sentido e seu encanto de ser.

Atualmente se faz necessário resgatar a dimensão humana da pessoa, para ajudá-la a canalizar suas forças e energias, para uma afetividade sadia e equilibrada. É claro que quanto mais a pessoa busca um auto-conhecimento para sua integração, maiores condições terá nas outras dimensões. Sinais vem demonstrando que as pessoas que se trabalham e se cultivam, são pessoas que têm maior possibilidade de serem felizes e realizadas. São capazes de discernir e fazer escolhas saudáveis para sua vida.

Uma das exigências da Vida Religiosa é a dimensão da vida fraterna-comunitária. Quantos sinais de morte encontramos em Religiosos e Religiosas por não se sentirem integradas afetivamente. Embora haja nos últimos anos um empenho significativo, existem ainda lacunas que levam a conflitos desnecessários. Por isto é importante que as congregações e comunidades não tenham medo de buscar recursos e ajuda na psicologia, retiros e cursos de formação humana.

Tudo isto, na confiança e esperança de re-significar as relações de seus membros, para que as exigências afetivas possam ser supridas e a vida possa fluir com maior vigor entre os religiosos e religiosas.

2. Administração e conflitos

Administrar, num modelo moderno, significa saber trabalhar com os conflitos e tensões que são inerentes à vida humana. Como a Vida Religiosa não está isenta disto, pessoas que dirigem as comunidades e congregações necessitam estar preparadas para enfrentar estes desafios no seu dia-a-dia. Para isto, vamos tratar neste próximo item os vários conflitos e tensões que desafiam o trabalho administrativo entre os religiosos.

2.1. Conflitos de personalidades

Quando se trata de estudar os desvios de personalidade, entra-se em um terreno perigoso, principalmente quando não se tem critério claro de abordagem. A personalidade da pessoa é estruturada a partir das experiências iniciais de sua vida. É do ambiente em que aquele sujeito viveu que herdará as principais características de sua personalidade. A personalidade é, principalmente, a maneira como o sujeito lida com os acontecimentos à sua volta. É o conjunto do funcionamento do indivíduo. Ao longo de sua vida, aprendeu a responder a todas as experiências externas.

Assim, podemos já adiantar que o indivíduo que procura a vida religiosa, já traz consigo uma história pregressa cheia de experiências vividas, que imprimiu nele

um padrão daquilo que será. Nesse sentido, podemos dizer que a prevenção com relação aos candidatos à vida religiosa deve começar por um conhecimento minucioso do grupo familiar. Muitas vezes o processo de seleção dos candidatos se resume em poucas visitas ao candidato, mas muito pouco se convive com o grupo familiar de onde procede o mesmo.

Ampliaria ainda mais essa prevenção, buscando conhecer os grupos sociais, as escolas que freqüentou, e como era o comportamento daquela pessoa naqueles contextos. O sujeito não se torna um problema quando entra na vida religiosa, senão que já traz latente em si o que apenas vai aflorar mais tarde.

Além de tudo isso, é necessário, depois do contato com o candidato, a supervisão por profissional competente, ao responsável do recrutamento dos(as) novos(as) candidatos(as). Ele pode repassar as suas impressões ao profissional para que, juntos, possam chegar mais próximo de uma decisão melhor.

Sabemos que no cotidiano as empresas e instituições fazem um verdadeiro levantamento pregresso do candidato a uma vaga em seus quadros de funcionários, principalmente pela verificação, junto aos seus últimos empregadores. Isso dá uma isenção maior para a instituição ao contratar um novo trabalhador. As instituições religiosas raramente tomam esses cuidados, e poucos são os critérios usados para a aceitação ou não do mesmo.

Fala-se de desvio de personalidade quando o indivíduo já não consegue responder de acordo com as convenções sociais, afastando-se do que costumamos chamar de "normal" e tem procedimentos não condizentes com os valores morais.

Ocorre que esses desvios podem já estar sedimentados quando o indivíduo entra para o sistema formativo. Por isso mesmo, a necessidade cada vez mais crescente da prevenção, antes mesmo do indivíduo fazer parte de nossos quadros.

E se o sujeito já está dentro dos quadros dos professos? Não há outra saída, a não ser tratamento. Esse deve ser um imperativo de seus superiores, visto que põe em risco a reputação da instituição, bem como, em tempos modernos, a própria sobrevivência da mesma, em virtude de eventuais processos.

2.2. Conflitos Sexuais

O que é um conflito sexual? Às vezes o que conhecemos como conflito, não tem, necessariamente, o caráter de conflito, senão de uma manifestação normal da sexualidade que é represada. A vida religiosa exige sublimação de todas as manifestações da sexualidade, muitas vezes transformando o indivíduo quase em um ser assexuado. A verdade, sabemos, não é bem essa. Por outro lado, nem sempre é possibilitado ao sujeito um trabalho pessoal para, verdadeiramente, orientar a sua sexualidade para um sentido transcendente. Assim, na maioria das vezes, o sujeito não responde adequadamente aos apelos sexuais. Muitos vivem em conflitos consigo mesmo.

É possível afirmar que um homossexual viva um conflito? Nem sempre o conflito está centrado na sua questão de orientação sexual, mas do medo do preconceito e da rejeição pelos demais. A pressão sexual, preconceito e rejeição

leva a uma repressão da sexualidade, ficando nos porões da própria consciência, vindo aflorar de maneira, muitas vezes tumultuada e desgovernada. São esses fatos que mais promovem os escândalos dentro das instituições religiosas. Um rio represado sem os seus diques de segurança, um dia explode, fazendo ruir tudo o que encontra pela frente. A sexualidade é a força mais produtiva do indivíduo, bem organizada e orientada, favorece a criatividade e a sublimação sadia da genitalidade. Desorganizada, entretanto, é prejudicial.

Aqui, de novo, estamos diante de um dilema humano. É certo que todos os que erram precisam de misericórdia. Mas é preciso, também, que sejam responsabilizados por seus atos. No mundo de hoje já não é possível esconder que esses fatos acontecem dentro das instituições religiosas. É preciso encará-los com responsabilidade e compromisso. O povo em geral acolhe os erros de seus sacerdotes e religiosos, mas esperam também da instituição, providências que os ajudem a melhor orientar a sua vida e opção.

2.3. Conflitos Econômicos

Embora a Vida Religiosa seja caracterizada pelo seguimento do Cristo Jesus, esta vida é inserida numa determinada sociedade que tem seus conflitos e tensões. Os filósofos dialéticos históricos já advertiam que os conflitos econômicos são determinantes em diversas esferas sociais. Disto não está imune o religioso ou a religiosa, pois a instituição religiosa não é separada do mundo, mas faz parte deste mundo, embora não pertença ao mundo. Numa nova proposta de Vida Religiosa inserida no mundo estas tensões tornam-se mais agudas. Por exemplo, quando os religiosos viviam uma vida enclausurada, as tensões econômicas eram menores devido à proteção da vida monástica. Mas quando os religiosos lançaram-se no mundo tornaram-se mais vulneráveis às próprias tensões sociais e econômicas. Por isto é bom ver as diversas tensões e conflitos na área econômica na vida dos religiosos.

Os religiosos fazem o voto de pobreza, significando que eles partilham integralmente o que recebem. Isto é, o religioso ou a religiosa não possui em seu nome bens materiais. Ao contrário, todo bem material deverá ser partilhado com a comunidade. Em tempos anteriores não era admissível que um religioso ou religiosa trabalhasse fora e tivesse um salário. Os religiosos, em geral, tinham seus colégios e suas obras sociais e tudo que ganhavam ficava na caixa comum desta obra religiosa.

Pouco a pouco os religiosos foram deixando suas obras e tornando-se funcionários de dioceses, faculdades, hospitais, prefeituras e outras instituições. Sendo funcionário (a) a pessoa tem o seu salário, que é justo, a cada mês. Aqui então começa um dilema muito grande para alguns religiosos. Se a pessoa tem o seu salário, seria normal que este recurso fosse para o bolso deste indivíduo. Mas esta prática pode chocar-se com o projeto da Vida Religiosa. O projeto da Vida Religiosa não se esgota nesta dimensão, mas abre-se para algo que é central, isto é a partilha do que se recebe.

No momento em que o religioso ou a religiosa assume o princípio de que o que

ganha lhe pertence e perde a dimensão da partilha, essa pessoa corre o risco de estar fazendo uma opção para deixar a comunidade religiosa. Esta pessoa assumiu a dimensão do mundo e perdeu a dimensão do Reino.

Um outro conflito surge quando o indivíduo na Vida Religiosa assume que a comunidade religiosa é a "grande mãe ou o grande pai que pode dar uma mesada mensal". A comunidade tem a obrigação de prover as necessidades do religioso ou da religiosa. Mas este caminho deve ser vice-versa, isto é, a comunidade fornece o que a pessoa necessita, mas a pessoa deve partilhar o que recebe com a comunidade. A falta deste ir e vir tem causado conflitos e problemas na vida de algumas comunidades. A pessoa quer ser protegida pela comunidade, mas ao mesmo tempo não faz quase nada para que a comunidade tenha recursos para ajudar as pessoas.

O egoísmo que está tão arraigado na vida social pode também penetrar nas comunidades religiosas. Quando a pessoa, na Vida Religiosa, assume que a comunidade deverá prover as suas necessidades e ao mesmo tempo não sabe partilhar irá ser um sério problema para a vida comunitária. A congregação religiosa deve ser construída, também na área material, pelos próprios membros. Não existe papai Noel ou mágica que mantenha materialmente uma comunidade.

Um outro elemento importante é a participação dos pobres na Vida Religiosa. Todo recurso material da Vida Religiosa deve estar em função dos pobres. Isto não quer dizer que deva vender tudo e simplesmente dar aos pobres. Os recursos materiais devem favorecer o religioso ou a religiosa a colocar-se a serviço do pobre no processo de evangelização.

Não existem receitas para evitar conflitos na área econômica na Vida Religiosa. Existem sim possibilidades de encaminhamentos. Estes encaminhamentos serão tratados no próximo item. Por outro lado, não é segredo para ninguém que certos indivíduos nas comunidades religiosas ainda não cresceram o suficiente para trabalhar a dimensão da partilha. São as "crianças das comunidades". A comunidade tem duas alternativas: confrontar o indivíduo ou fazer o jogo do mesmo. Devido a dificuldade em enfrentar o desafio e trabalhar no conflito, muitas vezes apenas faz o "jogo da criança", isto é, dando o que é exigido.

3. Propostas de encaminhamentos

Na busca de enfatizar a dimensão ética da Vida Religiosa, é importante perceber os pontos fortes na atual vivência e ao mesmo tempo encaminhar propostas na área da formação, desde a formação inicial. Talvez a formação inicial nunca foi tão desafiada como na contemporaneidade. Antes se formava para trabalhar num mundo da uniformidade e da estabilidade, hoje os religiosos são desafiados pelo mundo da transitoriedade e do descartável. Ao mesmo tempo, o saber humano cresce a cada minuto e as pessoas são fulminadas constantemente por novas informações nas diversas áreas do conhecimento. Assim não é mais possível permanecer numa formação fechada ao mundo moderno. Por outro lado, a Vida Religiosa não deve, por sua própria constituição, assimilar tudo que o "mundo vende". Os

religiosos são, por sua dimensão ética, convidados a serem críticos diante da panacéia de novidade que o mundo contemporâneo produz.

3.1. Competência

O Concílio Vaticano II desencadeou uma caminhada de renovação e transformação. Dentro disto os religiosos foram muitos criativos em experimentar diversas maneiras para que seus carismas fossem melhor expressados. Neste sentido, muitos religiosos deram exemplos concretos de vida ética, aproximando-se dos empobrecidos, somando-se aos movimentos populares que lutam por uma sociedade de justiça e fraternidade, inclusive ajudando a formar sindicatos e partidos políticos. Se por um lado a Vida Religiosa abriu-se para novos experimentos, ela também ficou, às vezes, à mercê da improvisação e de uma atuação ingênua.

A vida contemporânea é mais exigente que a sociedade de 100 anos atrás, mas às vezes certas experiências na vida religiosa ainda olham o mundo como se o mundo fosse do final do século XIX. Diante de um mundo competitivo e uma sociedade que dá grande valor ao estético, a Vida Religiosa deve ter em seus paramentos competência e vivacidade. Para enfrentar estes desafios a improvisação não é suficiente e a simples experimentação leva à fragmentação. Daí o resultado de certas comunidades perderem grandes números de seus membros ou de comunidades ficarem estagnadas em certos aspectos pastorais.

O amadorismo é um perigo que ronda as atividades dos religiosos. Às vezes em nome da pobreza descartam-se possibilidades de investimento intelectual e cultural. Os religiosos necessitam ser profissionais e de alto nível nas áreas que lhes são confiadas. Improvisação, às vezes, pode levar ao amadorismo e amadorismo leva inevitavelmente ao insucesso. Assim, não deve haver lugar para amadorismo entre os religiosos.

A formação ética e competente deve permear o processo formativo da Vida Religiosa. Se a simples improvisação não funciona, os religiosos de um instituto devem estudar e planejar meios possíveis de uma formação que leve à maturidade afetiva e efetiva na atividade do sujeito – seja pastoral ou social. Para isto se faz necessário que os religiosos também freqüentem meios universitários e sejam desafiados pela produção de conhecimento científico e filosófico. Não é privilégio ou status um religioso ou religiosa freqüentar uma boa universidade para que possa melhor atuar junto aos pobres e ser instrumento de emancipação para os mesmos. Entretanto, embora a formação acadêmica seja importante, isto não deve esgotar a formação na Vida Religiosa. A criticidade, a criatividade, e a fidelidade ao Reino são elementos éticos que devem marcar profundamente a vida dos religiosos.

Se por um lado a Vida Religiosa é chamada a dizer "não à improvisação", e afirmar a formação fundamentada numa rigorosa formação técnica, filosófica e científica, do outro lado ela é chamada a ser permeada por elementos da eticidade. A dimensão ética também não se improvisa, mas a pessoa cresce numa caminhada de fidelidade, criatividade e criticidade.

3.2. Estar bem consigo

A qualidade de vida é um elemento que às vezes ficou descuidado na Vida Religiosa. A pessoa não vai SER e não vai FAZER se ela não está bem consigo mesma. A qualidade de vida se expressa de diversas maneiras: desde a saúde física até à saúde emocional. O religioso ou a religiosa vai se desgastando e perdendo o seu vigor quando a dimensão emocional está conturbada. A pessoa não se anima e nem vai animar os outros. Claro que a comunidade deve procurar constantemente confrontar a própria vida com o projeto de Deus e o projeto da ética. Mas sem uma qualidade de vida emocional é impossível para a pessoa até mesmo se confrontar com o projeto do Reino.

A vontade de Deus é que todos tenham vida em abundância. Se a pessoa não está feliz consigo mesmo a vida vai ser um "vale de lágrimas" e não uma vida de qualidade. Sem qualidade de vida é impossível ser vida e esperança para os outros.

Uma competente assessoria na área psicológica deveria ser uma dimensão constitutiva do processo da formação inicial. Quando se fala em assessoria, não se refere apenas a palestras, cursos e boas leituras na área da psicologia. Quando se fala em assessoria na formação inicial, refere-se à possibilidade de o formando ter acesso ao processo psico-terapêutico.

A formação para a vida religiosa deve ser permeada por uma formação humana integral onde a pessoa tenha condições de conhecer-se profundamente. Neste intuito deve-se dar à pessoa instrumentos necessários para trabalhar sua sexualidade, genitalidade e afetividade. Isto quer dizer que a pessoa deveria ser inserida num profundo trabalho de grupo e individual sobre a sua própria realidade humana. A pessoa tem que expressar seus sentimentos, seus medos, suas inseguranças e elaborá-los com ajuda de peritos na área.

Santo Agostinho já dizia que para a graça agir necessita da natureza. É impossível integrar uma espiritualidade sadia, se a afetividade não tiver sido bem trabalhada. O ditado popular – "martelar em ferro frio" – expressa bem esta situação. Não adianta, pois, levar o candidato para o noviciado ou para cursos de espiritualidade, se afetivamente está "arrebentado". Às vezes, ingenuamente, tenta-se espiritualizar uma realidade humana que necessita mesmo de um trabalho humano-afetivo. É óbvio que casa de formação para Vida Religiosa não pode ser confundida com casa de psicoterapia, mas é obrigação dos responsáveis pela formação oferecer os instrumentos corretos na hora certa para o (a) candidato (a).

Os votos solenes não devem ser emitidos ou a ordenação ministerial deve ser postergada, se ainda pairam dúvidas sobre o candidato. Pessoas que não têm maturidade afetiva, depois de professos ou ordenados, prestarão um "desserviço" à Igreja. Não apenas quanto a escândalos, mas também, quanto à maneira como esta pessoa tratará as pessoas de sua comunidade. Devido às próprias inseguranças alguns religiosos e padres manipulam ou tratam ofensivamente o povo de Deus. É incrível como isto se revela na prática, onde alguns religiosos e/ou padres expressam suas limitações humanas "em

cima" do povo simples. Às vezes tornam-se muito rígidos, outras vezes muito liberais, outras vezes ainda querendo ser o "*showman* da festa".

Quando se trata de uma acusação de escândalo não adianta "esconder o sol com peneira". O (a) superior (a) religioso (a) deve imediatamente tratar do assunto "face a face" com o acusado. O medo de enfrentar esta situação tem levado, às vezes, à postergação de um problema maior. Se não há culpa, não deve também haver medo de tratar do assunto. Por sua vez, a pessoa que é acusada não deve colocar-se na defensiva ou achando que ninguém o (a) valoriza. Pelo contrário, se não é culpada, deve mostrar com calma e clareza que a acusação é infundada, mas se é verdadeira a acusação, deve aceitar um acompanhamento emocional e espiritual.

Embora os (as) superiores (as) devam sempre tratar os acusados com muita misericórdia, pois o nosso Deus é profundamente misericordioso, quando se trata de envolvimento afetivo e/ou sexual com menores as "cartas" devem ser claras e objetivas. Por isto, aconselha-se remover do serviço pastoral um membro que tenha tido atitudes impróprias com menores ou mesmo com adultos no campo pastoral. Atitudes impróprias contra menores devem ser vistas como crime e não apenas como fraqueza sexual e afetiva. A política de encobrir ou ignorar estes abusos – já foi provado – é "um caminho sem êxito em outros países". Por outro lado, os (as) superiores (as) devem ajudar as vítimas, pois este tipo de crime produz traumas profundos na pessoa abusada.

Estes escândalos envolvendo alguns membros da Vida Religiosa com menores acarretam dois grandes desastres: primeiro, a vítima, traumatizada pelo resto da vida, não raro, carrega graves distúrbios psíquicos e tendências suicidas; segundo, a grande maioria dos (as) religiosos (as) que vive a castidade com muita honestidade e, muitas vezes, com grande heroísmo, fica "manchada" e sobre ela pairam dúvida e ceticismo.

Deve-se analisar bem se uma pessoa com orientação homossexual poderá ser aceita num processo de formação para a vida religiosa e/ou presbiteral. Se for aceita, deve-se dar uma formação diferenciada para ela, pois as dimensões afetiva e simbólica de um homo são diferentes das de um heterossexual. Apesar disso, não se pode confundir homossexualismo com pedofilia. São duas coisas bem diferentes, embora a maioria dos religiosos acusados de escândalos sexuais se relacione com adolescentes do sexo masculino. Pedofilia é atração de adulto para com criança. Aquele é marcado por inseguranças no relacionamento com adultos e, em muitos casos, já foi vítima de abusos sexuais quando criança. Normalmente estes abusos foram cometidos por familiares ou por pessoas de confiança da família, p.ex.: tio, amigo, padrasto, médico, padre. O homossexualismo, por sua vez, é a tendência de gostar e querer relacionar-se com pessoa do mesmo sexo. Na maioria dos casos denunciados nos Estados Unidos, trata-se de relacionamentos impróprios, envolvendo um padre e um adolescente. Isto pode ser caracterizado como pederastia, ato contra um menor, com fortes características homossexuais, mas não como

pedofilia. Pedofilia é a atração para com crianças, de ambos os sexos, até a pré-puberdade; pederastia é atração por adolescentes entre 12 a 18 anos de idade.

Nos EUA foram abertos centros de tratamento para os padres e religiosos acusados. Estes tratamentos deram bons resultados, mas os médicos e psicólogos não têm dúvidas em diagnosticar a pedofilia como uma doença e em aconselhar que a pessoa portadora desta doença não deva ser indicada para trabalhos pastorais que envolvam crianças e adolescentes.

Considerando que o homossexualismo clerical nos países de língua inglesa tem forte conexão com adolescentes do sexo masculino, poder-se-ia suspeitar que também os homossexuais brasileiros poderiam seguir esta vertente.[3] Trata-se apenas de uma hipótese, que exigirá mais pesquisa neste campo. Mas não podemos deixar de afirmar que este tipo de relação é criminoso, tanto a nível canônico como civil.

3.3. Militância Ética

Umas das características mais fortes da Vida Religiosa é o testemunho do Reino pregado por Jesus Cristo. O Reino de Deus tem uma forte conotação ética, pois o mesmo é expressão de valores que somam numa sociedade solidária e fraterna. Embora os (as) religiosos (as) não deixam de ser pessoas humanas, com suas fraquezas, contradições e talentos, estes devem espelhar com propriedade os valores éticos do Reino. Os conflitos e tensões não devem deixar naufragar a prática e o sonho por um mundo mais justo e solidário.

Enquanto a sociedade civil se mobiliza por ética na economia, política e em todas esferas sociais, os (as) religiosos (as) são convidados a somar-se a esta mobilização social. Por isto a criticidade é um elemento importante desde o processo formativo da pessoa para a Vida Religiosa. Não há lugar para pessoas ingênuas e a-críticas entre aqueles (as) que devem ser testemunhas vivas do Reino.

Embora a criticidade social seja um elemento fundamental no processo formativo, isto não significa que todos e todas devam pensar da mesma forma sobre determinados tópicos sociais, que devam votar no mesmo partido e que devam ler tudo de uma mesma ótica. Já se foi a época onde superiores (as) exigiam que seus (as) formandos (as) lessem determinados livros (às vezes de esquerda e às vezes de direita) e que fossem sempre politicamente "corretos".

Os (as) religiosos (as) são convidados a enxergar o mundo com a ótica do pobre e serem críticos diante dos enormes desafios ideológicos e econômicos. Mas para isto é necessária uma paixão pelo Reino e entender que o Reino desdobra-se também na prática da justiça e do amor. Não se luta e não se dá a vida por aquilo que a pessoa não crê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética civil na Vida Religiosa se expressa pelo testemunho de vida por mui-

[3] Não se pode fazer uma afirmação categórica sobre esta temática no Brasil por não existir uma pesquisa científica neste campo. Estamos encaminhando um estudo interdisciplinar para esta temática.

tos (as) religiosos (as) que doam suas vida sem medida. Os votos religiosos são apenas "meios" para uma verdadeira expressão ética. No entanto, os (as) superiores (as) não devem menosprezar os conflitos e desafios a que este estado de vida está sujeito. Por isto, os (as) responsáveis pela Vida Religiosa devem prestar atenção aos desafios emocionais dos membros de sua comunidade/congregação, às tensões econômicas e à problemática administrativa atual. Não é possível administrar a Vida Religiosa contemporânea com métodos que deram certos na Idade Média.

Dados dos autores: Pe. Vicente Melo CSsR é psicólogo com pós-graduação em psicologia clínica, Ir. Ivana Migueli é psicóloga e mestra de noviça, Pe. Joaquim Parron CSsR é mestre em educação e Ph.D. em ética.

Endereço dos autores Vicente de Melo, CSsR e Joaquim Parron M., CSsR
Rua Conselheiro Carrão, 599
80040-130 CURITIBA - PR

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- No seu entender, quais são os principais conflitos que se estão dando na Vida Religiosa hoje? Que fatores estão provocando tais conflitos?
2- Na sua comunidade existe a preocupação com a situação concreta das pessoas, com suas eventuais crises e conflitos?
3- Como sua Comunidade se situa diante dos conflitos de ordem sexual que se dão hoje na Igreja e na Vida Religiosa?

"A formação para a vida religiosa deve ser permeada por uma formação humana integral onde a pessoa tenha condições de conhecer-se profundamente."

CRB

Impresso
Especial
050200140-2/2002 - DR/RJ
CRB
...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB
2004-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencilidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missioncriedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.